

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CLARA MADUELL GÓMEZ

A PELE MARCADA:
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE O CORPO COMO SUPERFÍCIE
SIMBÓLICA NA SOCIEDADE URBANA ATUAL

Porto Alegre

2014

CLARA MADUELL GÓMEZ

A PELE MARCADA:
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE O CORPO COMO SUPERFÍCIE
SIMBÓLICA NA SOCIEDADE URBANA ATUAL

Trabalho de conclusão de curso de graduação,
apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Maria Eunice Maciel

Porto Alegre

2014

CLARA MADUELL GÓMEZ

A PELE MARCADA:
UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE O CORPO COMO SUPERFÍCIE
SIMBÓLICA NA SOCIEDADE URBANA ATUAL

Trabalho de conclusão de curso de graduação,
apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovada em 12 de dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria Eunice Maciel Orientadora

Caleb Faria Alves

Ceres Gomes Víctora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família por todo apoio e amor incondicionais que me foram dados durante toda a vida. À minha mãe, jornalista Beth Nunes, pelas revisões de texto, e, também, por ter feito do próprio corpo, por meses, a minha casa. Ao meu pai, “quase sociólogo” Miguel Gómez, pelas aulas prestadas. Por serem a parte mais importante de mim e responsáveis por tudo o que sou: obrigada, amo-os.

É importante também agradecer aos professores que compartilharam comigo seus conhecimentos. À Anita Brumer, de quem fui orientanda na bolsa de iniciação científica, durante dois anos da graduação, que me ensinou a fazer pesquisa. À Maria Eunice Maciel, minha orientadora do trabalho de conclusão, pelo interesse no tema e pelo suporte. À Juliana Lopes de Macedo, pelo estímulo incessante ao trabalho, paciência, conselhos, disposição e dedicação.

A todos os entrevistados, alguns amigos, outros desconhecidos, pois acreditaram que o assunto seria abordado de maneira séria e aceitaram participar, seja presencial ou virtualmente: obrigada pelo entusiasmo com a pesquisa, sem seus relatos esse trabalho não seria possível. Imensa gratidão por terem compartilhado comigo suas histórias e experiências com o corpo. Seguiremos na luta pela liberdade de expressão e contra o preconceito. Um afetuoso reconhecimento à Bárbara Goerl, Camila Marum e Itamar Soares, por me permitirem frequentar seus locais de trabalho e observar os procedimentos de marcação corporal.

quem repete a frase “colega não é amigo” é porque não cruzou com estas pessoas - Ana Julia Guilherme, Bianca Faller, Bruna Gre Marques, Cecília Guimarães, Daniel Marinho, Gabriela Ramão, Jorge Scola, Katiele Santos, Mariana Weber e Rhuany Faturi: muito obrigada por esses cinco anos. Pelo fordismo acadêmico, pelo compartilhamento de sapiência e risadas, pelos porres aguentados dentro da sala de aula e tomados fora dela. Sou grata por deixarem essa faculdade mais leve, sem eles teria sido bem mais difícil, com certeza. Vamos, grupo!

Por último, mas não menos importante: aos meus velhos e novos amigos, pela cumplicidade, carinho e irmandade. Agradeço de coração ao Lucas Grimaldi por padronizar esta monografia, já que ele é perito nisso; à expert Carolina Barbieri, por ter feito o abstract e à Natália Famil pelas correções. Obrigada àqueles que me ensinaram a tolerar as diversidades e respeitar o próximo. Um beijo especial para os que entenderam que TCC e vida social não combinam e dois para os que aguentaram minhas crises.

[...] Quero ser a cicatriz
Risonha e corrosiva
Marcada a frio, ferro e fogo
Em carne viva
(Tatuagem – Chico Buarque)

RESUMO

Em todas as épocas e lugares do mundo, o homem usa o corpo como forma de linguagem. Enfeita-o para ser belo, diferente, mágico. A sociedade também exerce poder sobre o corpo do indivíduo, inscrevendo suas marcas de acordo com a cultura que ele pertence. As modificações corporais têm se tornado uma forma de expressão individual de arte do corpo e vêm ganhando, a cada dia, mais adeptos. O presente estudo é um esforço etnográfico feito em duas convenções de tatuagem; dois estúdios de tatuagem e *piercing*: o *Natural Tattoo* e *Potuga Tattoo*; e na casa de uma tatuadora – todos em Porto Alegre, Brasil. Tem o objetivo de compreender as percepções dos modificados sobre seus corpos, suas marcas, a dor, o erotismo, a profissionalização, os limites e o preconceito que sofrem diariamente.

PALAVRAS-CHAVE: Modificações corporais; estilos de vida; dor; prazer; preconceito.

ABSTRACT

In all the times and places of the world, man uses the body as a form of language. Adorns it to be beautiful, different, magical. The society also has power over the people's bodies, putting their brands according to the culture he belongs. The body changes have become a form of individual expression of body art and has gained more fans every day. The current work is an ethnographic work in two tattoo conventions; two tattoo and piercing studio: Natual Tattoo and Potuga Tattoo; and at a tattoo artist's house - all in Porto Alegre, Brazil. The objective is to understand people's perceptions changed about their bodies, their marks, the pain, eroticism, professionalization, the limits and the prejudice they suffer daily.

KEY - WORDS: body changes, lifestyle, pain, joy, prejudice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CONSTRUINDO O CORPO.....	11
1.1 CORPO SOCIALIZADO E SOCIALIZANTE.....	11
1.1 MARCANDO O TEMA.....	14
1.3 DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS DA BODY MODIFICATION.....	15
1.4 BREVE HISTÓRICO DAS MODIFICAÇÕES CORPORAIS	18
1.5 A EXTREME BODY MODIFICATION E OS CHAMADOS MODERN PRIMITIVES	21
1.6 ESPELHO, ESPELHO MEU: A ACEITAÇÃO DAS MODIFICAÇÕES ESTÉTICAS ..	23
2. A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA	28
2.1 METODOLOGIA.....	28
2.2 ENTRADA EM CAMPO.....	32
2.3 EVENTOS.....	34
3. A DOR E A DELÍCIA DE SER O QUE É.....	36
3.1 “QUAL O SIGNIFICADO DE SEU CORPO PARA VOCÊ?”	36
3.2 AS MARCAS	38
3.3 MARCAS E DOR COMO RITUAIS.....	40
3.4 EROTIZAÇÃO.....	45
3.5 PROFISSIONALIZAÇÃO.....	47
4. PERCEPÇÕES DIFERENTES - ADEPTOS DE MODIFICAÇÕES USUAIS X ADEPTOS “EXTREMOS”	50
4.1 SUPERANDO OS LIMITES: MODIFICAÇÕES “EXTREMAS”?	50
4.2 TABU: O OLHAR DOS MODIFICADOS SOBRE O PRECONCEITO QUE SOFREM	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
ANEXOS	68
ANEXO A – ROTEIRO DA ENTREVISTA	68
ANEXO B - FOTOGRAFIAS.....	70

INTRODUÇÃO

Através do corpo marcado e pintado, os homens se relacionam simbolicamente no contexto social; é uma forma de comunicação não verbal. Como na nossa sociedade o sentido mais desenvolvido é o da visão, a imagem é o modo que o indivíduo percebe o outro e a construção do corpo, conforme o desejo de quem o possui, surge como opção dessa “sociedade visual” (PIRES, 2005). A forma de expressão primeira entre os que se modificam não passa pela palavra, se dá, espontaneamente, pela diferença estética causada pelas intervenções corporais que cada um possui. Este trabalho tem como tema as modificações corporais e os estilos de vida dos adeptos.

Se a pele expressa o mais íntimo de uma pessoa, por que há gente que quer modificar seu aspecto, textura, cor ou transpassar sua superfície? Pretendo descobrir qual o significado do corpo para os seguidores da *body modification*; conhecer as motivações e como essas práticas são percebidas no presente pelos que optam por intervir no seu próprio corpo. Seria apenas vaidade, uma tendência estética de culto ao corpo? Ou vontade de criar uma autoidentidade, um desejo de ir em direção oposta a padrões pré-estabelecidos, estéticos, culturais ou de conduta em questão da moda em grupos urbanos? O que determina a aceitação das modificações corporais e quando elas passam a ser tabu?

Interesso-me pela *body modification*, desde os treze anos, quando tive vontade de fazer a primeira tatuagem. Desde então, insistia com meus pais para que me permitissem fazer, já que, para menores de idade, era necessária autorização. Eles não concordavam, alegando que era feio, que era “coisa da moda”, que ficaria ultrapassada e que eu me arrependeria. Quando fiz dezoito anos e a aprovação era dispensável, pude aderir às marcações. Comecei a acercar-me e, a cada nova modificação, a me fascinar pelas discussões sobre marcas corporais. Me dediquei à teoria e prática. E, falando tanto no sentido literal como no sentido figurado, senti, na pele, o que sentem alguns praticantes. Ao entrar na universidade, desenvolvi o tema logo na primeira cadeira de Antropologia no curso de Ciências Sociais em 2010 e venho amadurecendo esse trabalho desde então.

Como estudante de antropologia, devo lembrar que o controle das práticas corporais foi uma das primeiras ações executadas para civilizar as sociedades chamadas “primitivas”. De alguma forma, quanto mais marcados eram os outros, mais civilizado era o ocidente. Todavia, como paradoxo da humanidade, na atualidade, cresce, no ocidente, a incorporação e aceitação de práticas de exploração e modificação corporal proveniente de culturas alheias à ocidental. Explorar o corpo é uma das tantas opções que oferece nossa sociedade como

caminho de revalorização e/ou reencontro do corporal, ainda que essa exploração se refira às práticas que se moldam aos parâmetros vigentes do corpo hegemônico: contribuindo com benefícios para a saúde, bem-estar pessoal e melhoramento físico, assim, rejuvenescem, embelezam, emagrecem, desintoxicam o corpo ou lhe dão harmonia (WENTZEL, 2010).

Essa monografia está dividida em quatro capítulos. No primeiro, trato de definir o tema: faço uma breve análise sobre textos de autores que tratam da influência da sociedade sobre o corpo do indivíduo; esclareço o termo *body modification*, suas práticas; elaboro um resumo sobre o histórico delas e comparo os motivos que levam as pessoas que se submetem a modificações estéticas feitas por médicos serem normalmente aceitos enquanto que as circunstâncias que movem os praticantes de marcas corporais, tema deste trabalho, não são bem vistas, submetendo-os a preconceitos. No segundo, abordo a experiência da etnografia: esclareço o tipo de metodologia que utilizei, onde e o que foi observado em campo. No terceiro e quarto, trago o discurso dos modificados sobre diversos e importantes assuntos. Sendo que no quarto e último, pretendi discutir o conceito de “extremo” e diferenciar as percepções de dois diferentes grupos de modificados (os simpatizantes de modificações usuais e os que optam por alterações ditas “extremas”). Nos anexos estão disponíveis fotos para possibilitar a visualização das práticas e os locais onde foram feitas as observações.

1. CONSTRUINDO O CORPO

Neste capítulo, desempenho uma revisão literária pretendendo uma breve introdução à antropologia do corpo e como esse pode ser usado como expressão da sociedade. Defino a “*body modification*”, tema desta monografia, suas práticas acompanhadas de um sucinto histórico e tento esclarecer a noção de “primitivos modernos”, tribo urbana adepta de modificações consideradas “extremas”.

Para a antropologia analisar as modificações corporais é necessário ter, sobre o corpo, uma noção histórica e cultural, além da natural. Quase todos os povos, desde os tempos mais remotos, já possuíam formas de adornar o corpo por motivos sejam eles religiosos, estéticos e por tradições e costumes da própria cultura. Cada vez mais, percebemos que o ser humano faz de seu corpo um instrumento de mudança de sua “aparência natural”¹, podendo ela ser definitiva ou temporária. Nesse contexto, exponho os dois polos de modificação corporal: as que são o assunto desse trabalho e as estéticas, e o porquê das últimas terem melhor aceitação social que as primeiras.

1.1 CORPO SOCIALIZADO E SOCIALIZANTE

Marcel Mauss, em seu capítulo “As técnicas do Corpo”, foi o primeiro antropólogo a tratar do corpo e suas percepções. Segundo ele, o corpo é o mais natural e primeiro instrumento do homem.

Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem, é seu corpo. (MAUSS, 2003)

O autor afirma que há uma construção social do corpo, mas como cada sociedade tem seus hábitos próprios, ele passa também por uma variabilidade cultural, fazendo com que haja, para cada comunidade, um corpo típico. A cultura, através do aprendizado, é fundamental na determinação de posturas corporais. Segundo o antropólogo, não há

¹ Mary Douglas identifica uma tendência natural a expressar determinado tipo de situações por meio de um estilo corporal adequando a elas. Essa tendência pode se qualificar de natural conforme é inconsciente e se obedece a ela em todas as culturas. Surge como resposta a uma situação social que aparece sempre revestida de uma história e uma cultura locais. A expressão natural está determinada pela cultura. O que a autora trata de fazer consiste em aplicar o que se sabe do estilo literário à totalidade do estilo corporal. Os estilos corporais surgem espontaneamente e se interpretam igualmente de forma espontânea.

“maneiras naturais” do corpo, mas sim maneiras adquiridas transmitidas culturalmente sendo que somos preparados para a vida social por meio da educação corporal.

Chamo técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser tradicional e eficaz. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis em quê o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral. (MAUSS, 2003)

Douglas (1978) afirma que o corpo social condiciona o modo que percebemos o corpo físico. A experiência física do corpo, modificada sempre pelas categorias sociais, mantém, por sua vez, uma visão da sociedade. Existe um contínuo intercâmbio entre os dois tipos de experiência, assim cada um deles reforça a categoria do outro. Como resultado dessa interação, o corpo em si constitui um meio de expressão sujeito a muitas limitações. As formas que adota - em movimento e em repouso - expressam em muitos aspectos a pressão social.

O pensamento da autora parte da teoria de Mauss, segundo a qual o corpo humano é imagem da sociedade e, portanto, não pode haver um modo natural de considerar o corpo que não implique ao mesmo tempo uma dimensão social. O interesse pelas aberturas do corpo dependerá da preocupação pelas saídas e entradas sociais, os caminhos de escape e invasão. Onde não exista uma preocupação por preservar os limites sociais não surgirá também a preocupação por manter os limites corporais.

Todavia, o corpo é sempre uma representação da sociedade e, como acabamos de ver, não há processo exclusivamente biológico no comportamento humano [...] o corpo é um complexo de símbolos; um sistema simbólico que porta a sua mensagem, mesmo que seus receptores e emissores não estejam ou não sejam conscientes dela. (RODRIGUES, 1979)

A sociedade exerce pressão de diversas formas para que as pessoas mantenham seus corpos dentro de um padrão. Para Hertz (1980), há um controle do corpo: o corpo é sagrado, portanto se deve mantê-lo limpo e sem interferência externa para não torná-lo profano. Rodrigues (1979) diz que o corpo é mais social que individual, já que expressa a vida coletiva. As sociedades, por meios simbólicos, são capazes de levar seus membros até à morte oprimindo-os, marginalizando-os e deprimindo-os.

Para Le Breton (2011), o corpo existe na totalidade de seus componentes graças também ao efeito da educação recebida e das assimilações dos comportamentos do meio em que vive. Mas o aprendizado das modalidades corporais e a relação do indivíduo com o mundo não para na infância, mas sim se mantém durante toda sua vida conforme as transformações culturais e sociais que se apresentam. O antropólogo também afirma que não existe nada natural; dentro de uma mesma comunidade social todas as manifestações

corporais de um ator são significantes para seus membros e só têm sentido em relação com o conjunto dos dados da simbologia do grupo.

O homem não é o produto do seu corpo, ele próprio produz as qualidades de seu corpo em sua interação com os outros e sua imersão no campo simbólico. A corporalidade se constrói socialmente [tradução minha] (LE BRETON, 2011)²

Csordas (2008) afirma que o corpo é a base existencial da cultura. Sua premissa metodológica é que o corpo não é um objeto a ser estudado em relação à cultura, mas o sujeito dela. Ou seja, o corpo humano é produzido por processos sociais, pensa a corporalidade como condição existencial da vida cultural.

Cada sociedade ou cada grupo social imprime marcas em seus membros, tanto através de inscrições físicas (tatuagens, circuncisões, modelamento de determinada parte do corpo, etc.) como estéticas (roupas, acessórios) e comportamentais (formas de andar, sentar, repousar, etc.). O pertencimento social é, dessa forma, corporalmente inscrito, podendo ser identificado pelos demais membros daquela sociedade. Essas marcas corporais podem corresponder a diferentes situações – como classe social, faixa etária, etnia, posição social, etc. – e, nesse sentido, indicam estados passageiros ou permanentes dos indivíduos (VICTORA, KNAUTH, HASSEN, 2000)

As atitudes corporais supostas como “naturais” são culturalmente construídas, cultivadas ou modeladas, já que trazem em si as marcas de uma cultura (GOLDENBERG, 2007). Os adornos corporais, tema desta monografia, também são parte dessa construção do corpo; além de ter um propósito estético, cumprem também uma função social, refletindo a diversidade das culturas. Assim, segundo Kemp (2005), o corpo não permanece como a natureza o fez, o homem o modifica sem se dar conta de como essa necessidade é ligada com suas relações sociais.

Em decorrência, todas as nossas decisões sobre o corpo são necessariamente mediadas pelos valores sociais [...] Nosso corpo como resultado e produtor de experiências é elemento fundamental no processo de construção das identidades culturais. (KEMP, 2005).

Além dessas formas de socialização, nossa identidade é construída também de nossa experiência com a diferença. Pertencemos a um grupo social que tem traços culturais próprios que nos diferenciam de outros grupos. Dentro dessa nossa comunidade, criamos um ambiente seguro onde afirmamos nossa condição cultural. Afirmação essa que precisa ser reforçada através de nossas atividades sociais, revestindo a vida coletiva de significados. (KEMP, 2005)

² “El hombre no es el producto de su cuerpo, él mismo produce las cualidades de su cuerpo en su interacción con los otros y en su inmersión en el campo simbólico. La corporeidad se construye socialmente.” (LE BRETON, 2011)

Goldenberg e Ramos constatam que, em nosso atual e instável contexto social e histórico, onde os meios de costume de produção de identidade (família, religião, etc.) encontram-se frágeis, alguns indivíduos optam por se apropriar do corpo para se expressar. A *body modification*, que vem cativando seguidores rotineiramente, parece se basear nesse tipo de apropriação.

1.1 MARCANDO O TEMA

A *body modification*, conceito usado para designar as modificações corporais das mais diversas formas (irreversíveis ou não) e feitas por uma razão não médica, nos apresenta uma nova realidade na qual o corpo, que em quase todas as sociedades é palco de interferências culturais, passa, atualmente, por dolorosas transformações. (PIRES, 2005). Como explica o antropólogo Featherstone citado por Braz (2006):

O termo '*body modification*' se refere a uma longa lista de práticas que incluem o *piercing*, a tatuagem, o *branding*, o *cutting*, as amarrações e inserções de implantes para alterar a aparência e a forma do corpo. A lista dessas práticas poderia ser estendida para incluir a ginástica, o *bodybuilding*, a anorexia e o jejum – formas pelas quais a superfície corporal não é diretamente desenhada e alterada por meio de instrumentos que cortem, perfurem ou amarrem. Nessas práticas, o corpo externo é transformado por meio de uma variedade de exercícios e regimes alimentares, que constituem processos mais lentos, com efeitos externos, tais como o ganho ou a perda de massa, gordura ou músculos, que só se tornam observáveis após longos períodos de tempo [...] Adicionalmente, devemos considerar os modos pelos quais o corpo é modificado pelo uso de formas variadas de próteses e sistemas tecnológicos (FEATHERSTONE, 1999 *apud* BRAZ, 2006).

Essa definição ampla nos é útil para pensar as modificações nas mais variadas técnicas, porém o interesse desta pesquisa será centrado nas modificações do corpo a partir de práticas mais corriqueiras como a tatuagem e *piercing* e outras nem tão comuns: *branding*, escarificação, suspensão e implantes subcutâneos.

Beatriz Ferreira Pires (2005) faz a divisão entre as modificações corporais, por exemplo - as que visam a aproximar a pessoa ao “padrão de beleza” determinado por nossa sociedade, como musculação e cirurgia plástica -, e as práticas que utilizam elementos e formas sem correlato com o corpo humano, como as tratadas neste trabalho. Esse segundo grupo ainda se desdobra em dois. O primeiro é formado por indivíduos que fazem as alterações mobilizados - quase que exclusivamente - pela estética, pela busca do corpo que julgam perfeito, que vêem a modificação corporal como um requisito necessário para se inserirem no contexto urbano atual. E o segundo grupo, composto por pessoas que compartilham de ideais concernentes à modificação corporal. Essas têm mais de um tipo de

intervenção, às vezes de características mais extremas e normalmente as fazem de forma crescente e regular; têm o desejo de superar seus próprios limites físicos como forma de delinear seu caráter (*ibid*, 2005).

Os praticantes também fazem esse tipo de divisão entre as técnicas como cirurgias plásticas (técnicas mais comuns) e as não tão populares (DOSSIN e RAMOS, 2008). Hoje se pode incluir também nessa categoria *mainstream* (corriqueiras), a tatuagem e o *piercing*, devido à grande popularização dessas práticas. Uma tatuagem e um *piercing* para serem considerados, atualmente, *non-mainstream* precisam ser de desenho e tamanho diferenciado da grande maioria, aplicados em lugares não convencionais e ‘caminhar longe’ do que se tornou comum. Essas duas práticas se encontrariam, então, no limiar dessas definições. Há ainda aquelas que são ‘extremas’ ou ‘hard’, como o *branding* a bifurcação, a escarificação, a nulificação e a suspensão corporal. São poucos os profissionais que realizam trabalhos mais “extremados”, em comparação com a parcela de estúdios e profissionais que trabalham apenas com a tatuagem e com os *piercings* “tradicionais”.

1.3 DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS DA BODY MODIFICATION

Tentarei, agora, descrever as práticas da *body modification* que serão tratadas neste trabalho. Exercício necessário para familiarizar minimamente o leitor com alguns dos termos empregados na nominalização das técnicas estudadas. As definições (exceto a de *corseting* que foi encontrada na *internet*) são dadas pelo antropóloga Marlene Wentzel (2010), com tradução livre, em seu artigo “*Ser Herida y Cutillo*”, por Camilo Albuquerque de Braz (2006) em sua Dissertação de Mestrado “Além da Pele: um olhar antropológico sobre a *body modification* em São Paulo” e por Nathalia Abreu e Priscila Soares (2012) no livro “Corpo ao Extremo”.

Tatuagem (*tattoo*): desenhos intradérmicos permanentes, que se realizam introduzindo pigmentos específicos em baixo da epiderme por meio da injeção de microagulhas encaixadas em máquinas utilizadas somente para esse procedimento. Existem diversos estilos de tatuagem em termos de motivos de desenhos e cores, porém são apenas alguns padrões e podem misturar-se entre si;

Perfurações (*piercings*): inserção de adornos de distintos materiais (osso, madeira, mas o normalmente usado é aço cirúrgico) em diferentes zonas do corpo;

***Pocketing piercing*:** parecido com o *piercing*, mas nessa técnica, ficam sob a pele as extremidades que normalmente ficam para fora no *piercing* convencional;

Surface: Piercing mais comprido, com as pontas curvas, colocados em locais do corpo de maior movimentação;

Alargador: expansão feita nas perfurações já existentes. O mais comum é no lóbulo da orelha, mas existem outros tipos:

- *Big labret* – alargador no lábio;
- *Big nostril* – alargador nas abas laterais do nariz;
- *Big Concha* – alargador na concha da orelha;
- *Big Sptum* – alargador no septo;

Implantes Subcutâneos: objetos de silicone ou politetrafluoretileno (PTFE), conhecido como teflon, implantados subdermicamente, entre a gordura da pele e o músculo, através de uma incisão. Uma vez fixados, requer sutura e uma correta cicatrização. Pode-se obter diferença na textura e dimensionalidade, já que, ao cicatrizar, a pele forma ondulações em autorrelevo na forma do objeto escolhido, gerando um efeito 3D. Há variedade de modelos com diferentes *designs*;

Transdermal e microdermal: transdermal é um tipo de implante que tem a base para dentro da pele e a estrutura da peça para fora (normalmente de aço cirúrgico). Esse procedimento também necessita anestesia, incisão e sutura. A única diferença do transdermal para o microdermal está no tamanho (a microdermal é menor) e na maneira de colocar. No caso da segunda, tem a alternativa de usar apenas agulha americana ou *punch* dermatológico, não há necessidade de uso do bisturi;

Escarificação (*scar*): cortes e incisões que retiram lascas de pele com o intuito de deixar uma cicatriz em autorrelevo no formato do desenho. Geralmente é feita com bisturis, o profissional vai rasgando a pele sobre o desenho traçado antes do procedimento;

Branding: do inglês “marcar”. É um tipo de escarificação que se consegue marcando a pele com queimaduras. Queima-se a pele com metais quentes em forma de desenho, semelhante ao procedimento utilizado na marcação de bois;

Tong Split ou Bifurcação da Língua: segundo Braz (2006), é um procedimento cirúrgico com anestesia local que, com auxílio de um bisturi, divide a língua em duas partes, dando aparência de língua de cobra. Depois de certo tempo, a pessoa conseguirá mexer cada parte da língua separadamente;

Ear Point: procedimento cirúrgico onde a parte de cima da orelha é alterada para ficar com formato pontudo (orelha de elfo);

Tatuagem no globo ocular (*Eyeball tattoo*): intervenção que tem o propósito de colorir, permanentemente, todo o globo ocular;³

Corseting: normalmente usado por mulheres, tem o objetivo de diminuir a cintura. Aperta-se a cintura com o espartilho, levantando o busto. Não é uma modificação permanente, visto que é possível retirá-lo, porém a pressão feita pelo *corseting* reorganiza a posição dos órgãos internos, move os intestinos e o estômago para baixo;

Alterações Genitais: não é uma única técnica, podem ser usados alargadores, implantes subcutâneos, *piercing* – masculinos: o *Ampallang* atravessa a glândula na horizontal, o *Prince Albert* a atravessa por baixo e o *Dydoe*, em torno da base da glândula para os homens circuncidados. Nas genitais femininas são comumente aplicados nos pequenos ou grandes lábios e no clitóris. Segundo Pires (2005), esses *piercings* são chamados de funcionais. Essas modificações são bastante apreciadas no meio da *body modification*. São feitas com o intuito sexual para dar mais prazer no momento da relação. Segundo Le Breton (2003), mesmo sem estímulos particulares, os membros marcados são sentidos de maneira privilegiada para quem usa as joias⁴, são lugares íntimos onde há ampliação da sensação e do gozo;

Nulificação ou Amputação: consiste basicamente na remoção voluntária de partes do corpo (desde dedos até genitais), sem razões médicas (como todas modificações apresentadas neste trabalho). É a técnica mais polêmica das modificações corporais, a única que não encontrei apoiadores para entrevistar. Não é comum no Brasil;

Suspensão: modificação temporária. Baseia-se na inserção de ganchos de aço cirúrgico em diversas zonas do corpo para se suspender no ar, usando um sistema de cordas como meio de elevação. As mudanças no fluxo sanguíneo e os hormônios liberados na prática geram estados estáticos nos suspensos, por isso, se recomenda uma preparação não só física, mas também mental antes de se iniciar nessa experiência.

Os principais tipos são:

³ Há, no site da Câmara dos Deputados, o projeto de lei 5790/2013 de Rogério Peninha Mendonça (PMDB-SC) que pretende tornar crime a prática do *eyeball tattooing* em todo território nacional (disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1101558.pdf>). Com a justificativa de riscos elevados, a lei prevê pena por lesão corporal com a detenção do infrator podendo variar de 6 meses a 1 ano, amparado no artigo 129 do Decreto – Lei nº2.848, de 7 de 1940. Teve a sua primeira apresentação em 19/06/2013 e em setembro do mesmo ano passou pela Comissão de Seguridade Social e Família (CSSF), recebendo aprovação através do voto da relatora, senhora deputada Gorete Pereira (PR-CE) e devendo ainda passar pela Comissão da Constituição e Justiça e Cidadania (CCJC).

⁴ A joia é assim chamada apesar de, na imensa maioria das vezes, não ser de nenhum metal nobre, mas sim de aço cirúrgico para diminuir a possibilidade de rejeições e infecções.

- *Superman suspension* – o praticante é elevado de barriga para baixo, os ganchos são inseridos nas costas e pernas;
- *Suicide suspension* – elevado na posição vertical, ganchos inseridos nas costas;
- *Knee suspension* – elevado de cabeça para baixo com ganchos nos joelhos;
- *O – kee- pa* – elevado na posição vertical por ganchos no peito;
- *Coma suspension* – elevado de barriga para cima, ganchos colocados no peito e nas pernas;
- *Lotus suspension* – o indivíduo é elevado sentado (em posição de lótus), os ganchos são colocados nas costas e pernas;
- *Ressurrection suspension* – ganchos colocados na barriga;
- *Crucifix suspension* – elevação vertical feita pelos braços, lembra uma crucificação;

Pulling: do inglês “puxar”. É um tipo de prática onde se inserem ganchos em diversas partes do corpo e são puxados horizontalmente com alguém ou alguma coisa fazendo contrapeso. Pode-se fazer com duas pessoas enganchadas mutuamente ou uma pessoa fazendo força (puxando) a partir de um objeto, uma árvore, por exemplo.

1.4 BREVE HISTÓRICO DAS MODIFICAÇÕES CORPORAIS

Tenho como objetivo aqui trazer, brevemente, dados históricos a respeito de práticas das mais importantes modificações. É importante para que possamos compreender como surge a *body modification* e estabelecer as especificidades com relação às outras práticas de marcação corporal.

As modificações corporais voluntárias estiveram presentes em praticamente toda a história humana, do neolítico aos tempos modernos. Quase todos os povos, desde os tempos mais remotos, já possuíam formas de adornar o corpo por motivos religiosos, estéticos ou até mesmo por tradições e costumes da própria cultura. Desde os primórdios da humanidade, homens e mulheres exploram seus corpos desenvolvendo técnicas a fim de conhecê-los e embelezá-los.

Não é estranho que, desde tempos imemoriáveis, o homem tenha escrito sua história na pele. O corpo sempre esteve em foco nas sociedades e talvez a própria história da humanidade se confunda com a das práticas das modificações. Sabe-se da existência de evidências de marcações corporais nas sociedades mais primitivas. A mais antiga foi uma tatuagem encontrada no “homem de gelo” que remonta ao ano 2500 a.C.

Segundo Ramos e Dossin (2008), a tatuagem parece ser a antecessora, uma espécie de ‘abre-alas’ para essa cultura denominada *body modification*. Grupos de pessoas de países ocidentais vêm se inspirando em técnicas corporais utilizadas por sociedades não ocidentais para criarem seus próprios métodos .

Da onomatopeia "Tatatau" do Taiti se origina o nome *tattoo*, o som vinha da habilidade da Polinésia. O cabo de madeira batia no ancinho de dentes de porcos e soava: “tactactatau”. O primeiro ocidental a ouvir o termo foi o capitão James Cook, que aportou no Taiti em 1769 e levou-o para a Inglaterra.

A tatuagem foi introduzida no Ocidente no século XVIII, com as explorações que colocaram os europeus em contato com as culturas do Pacífico. Nessa época, surgiram alguns amadores a bordo dos navios e em grandes portos. A prática se difundiu graças ao hábito dos marinheiros ingleses de se tatuarem. A partir de 1920, tornou-se mais popular e comercial nos Estados Unidos e, durante muito tempo, esteve associada a classes socioeconômicas mais baixas.

A tribo urbana que criou o “movimento de modificações corporais” é bastante recente. A partir dos “anos rebeldes” (1960) e o surgimento da era *hippie*, as manifestações ligadas à arte, ao conceito de liberdade de expressão e ao domínio do indivíduo sobre si próprio ganharam notoriedade. (KEMP, 2005). Pires (2005) afirma que, para podermos situar o crescimento das técnicas e dos apoiadores da modificação em nossa sociedade atual, devemos retornar ao início dos anos 1970. É a partir desse período que as práticas começaram a ser divulgadas. Essas técnicas vêm se aprimorando e formam, agora, o que conhecemos como Modificações Corporais, uma forma de expressão cultural.

Nos anos 1970, os *punks*, em sua vontade de irrisão das convenções sociais de aparência física e de vestimentas, transpassam muitas vezes o corpo com alfinetes, engancham cruzeiros gamadas, símbolos religiosos, todas as espécies de objetos heteróclitos na própria pele [...]. A cultura *punk* entra, contudo, no circuito do consumo, desviada, transformada em estilo. As marcas corporais mudam radicalmente de *status*, engolidas pela moda, pelo esporte, pela cultura nascente e múltipla de jovens gerações. (LE BRETON, 2003)

Segundo Vittoria Pitts, socióloga do *Queens College of the City University of New York*, o ‘Movimento de Modificações Corporais’ teria originalmente surgido em meados da década de 80, nas subculturas de *gays* e lésbicas de São Francisco (Califórnia). Em meados dos anos 90, membros de um movimento ‘neotribal’, ou os ‘primitivos modernos’, começaram a utilizar as escarificações. De acordo com essa entrevista de Vittoria Pitts ao *National Geographic Channel*, em 28 de julho de 2004, e publicada na *World Wide Web*, ‘esse movimento estava interessado em reviver ou reatualizar rituais corporais indígenas ao redor do mundo todo, tentando entrar em contato com uma experiência espiritual mais autêntica do corpo’. (KEMP, 2005)

Quem trouxe a tatuagem para o Brasil foi o dinamarquês Knud Harald Lucky Gegersen. Chegando a Santos em 1959, utilizou seu talento e suas técnicas de desenhista e pintor profissional. A prática passou a ser aderida por surfistas da região e marinheiros que chegavam ao porto da cidade litorânea. Lucky é reconhecido no meio como primeiro profissional a trabalhar em terras brasileiras; teve uma participação de grande importância e, por causa dele, o Brasil entrou no mapa da tatuagem moderna que vem conquistando seguidores cotidianamente. Atualmente no país, contamos com centenas de estúdios de tatuagem em funcionamento. (ABREU; SOARES, 2012).

Assim como as tatuagens, o *piercing* também tem origem milenar. Surgiu na Ásia e, de acordo com Le Breton (2003), cresceu em 1970, na costa oeste dos Estados Unidos devido a D. Malloy. Foram abertas lojas de sucesso que se multiplicaram pela América do Norte, chegaram a Londres nas mãos dos "gurus" da moda e artistas do "*underground*" e por fim, alcançaram toda a Europa. Entre as décadas de 1980 e 1990, as perfurações passaram a ser profissionais. Assim, os pedaços de ossos que, antigamente, enfeitavam os membros das tribos, passaram a compor o *look* dos adolescentes urbanos, atingiram a atenção de todo o planeta fechando o elo entre o primitivo e o moderno. (ABREU; SOARES, 2012).

A escarificação foi e é usada por muitas razões e em muitas culturas diferentes. Era usual em ritos de tribos australianas aborígenes e em muitas sociedades africanas em rituais que marcavam a mudança de *status* sociais ou sexuais como a puberdade. Essa técnica também vem se introduzido na sociedade moderna, apesar de ainda ser considerada "extrema" e vista com preconceito por muitos.

As suspensões, para Kemp (2005), são outro exemplo de apropriação dos rituais das tribos tradicionais pelo movimento de Modificação Corporal. Segundo a antropóloga, o primeiro registro desse tipo de prática apareceu no filme "Um Homem Chamado Cavalo", da década de 60, que tratava da suspensão "*O-Kee-Pa*" no povo Mandan, situado às margens do Rio Missouri. Entre eles, a prática era feita com a colocação de *piercings* no peito ou costas para suspender o corpo na vertical. Se mantinham elevados até entrar em contato com o "Grande Espírito Branco". Hoje em dia, a técnica da suspensão é a mesma, pode ser feita por outras partes do corpo, como já citado, mas não há uma relação com a religião. Segundo Lírio (2010), os objetivos da pessoa que se suspende são: descobrir o sentido mais profundo de si, desafiar um sistema de crenças, buscar iluminação espiritual, transcender, participar de um rito de passagem, ter sensação de liberdade, obter prazer com as sensações estéticas, fazer amigos, sentir o *rush* de adrenalina e endorfina, ter a possibilidade de dominar o medo, ter

controle sobre seu próprio corpo, ser mais do que o corpo, explorar o desconhecido, provar ser capaz e, ainda, ganhar dinheiro e fama com rituais performáticos.

O sucesso das marcas corporais vem aumentando em associação com a ideia de que o corpo é maleável e remanejável. Essas modificações saem da marginalidade e são absorvidas pelas tribos urbanas e se propagam na sociedade; a demanda de estúdios de tatuagem e *piercing*, por exemplo, aumenta a cada dia. (LE BRETON, 2003).

1.5 A EXTREME BODY MODIFICATION E OS CHAMADOS MODERN PRIMITIVES

O conceito de “extremo” varia de pessoa para pessoa, alguns seguidores entrevistados para esta monografia declararam, inclusive, que não consideram nada extremo. Para esse trabalho, a noção de “modificado extremo” é aquele que opta por técnicas mais invasivas do que tatuagem e *piercing*.

Na literatura utilizada, os decididos pelas modificações mais extremas são chamados de “*Modern primitives*”, que pode ser traduzido como primitivos modernos. Esse termo, que define o estilo de vida do grupo e recebe algumas críticas da atual comunidade de modificados, foi criado por Fakir Musafar em 1967. O autor define o vocábulo como “Todas as pessoas não tribais que reagem a uma urgência primal e que fazem alguma coisa com seu corpo”. (LE BRETON, 2003)

Os pertencentes a esse movimento resgatam as técnicas de marcação do corpo das sociedades tradicionais ou “primitivas” e as adaptam para a atualidade. Para esses, a manipulação do corpo possui um caráter místico e transcendental.

Os *Modern Primitives* buscavam uma aproximação ideal, simbólica e prática com técnicas supostamente pertencentes a sociedades que diziam ser tradicionais ou “pré-letradas”. A referência a um primitivismo idealizado romanticamente lhes servia – e continua servindo a muitos dos adeptos da *Body Modification* – de substrato para dar sentido e legitimidade a suas práticas (BRAZ, 2006).

Em seu livro, Pires (2005) cita sete práticas da *body modification*, denominadas “jogos” por Musafar, assim definidas (selecionei apenas três delas):

- Jogos com fogo: queimar. Utilizam bronzeamento exagerado, corrente elétrica aplicada de forma contínua ou através de choques, vapor e calor, marcas feitas a ferro ou por queimaduras, etc.;
- Jogos de penetrações: invadir. Compreendem flagelações, perfurações, tatuagens, o ato de se picar, se espetar, deitar sobre cama de pregos ou espadas, injetar-se agentes químicos, etc.;

- Jogos de suspensão: pendurar. A suspensão, por meio de ganchos de açougueiro, pode ser feita em cruz, pelos pulsos, coxas, peito, tornozelos, associada a constrictões ou a múltiplos furos pelo corpo, etc.

Esse movimento reatualiza os rituais indígenas, buscando uma experiência espiritual mais autêntica do corpo. Os componentes desse grupo são sujeitos ativos na criação e transformação de seus corpos e se propõem encontrar novos sentidos para sua corporeidade reformulando os valores de beleza, identidade e dor.

O termo [*modern primitives*] surgiu, em 1967, para indicar o modo de vida de indivíduos que, mesmo sendo membros de uma sociedade que se desenvolve baseada na razão e na lógica, se guiam pela intuição e colocam o corpo físico como o centro de suas experiências. Esses indivíduos, que associam o conhecimento às sensações, respondendo a impulsos primitivos e se utilizando do conhecimento obtido pelas sociedades que há milhares de anos praticavam modificações corporais, se permitem sofrer qualquer tipo de manipulação corporal (PIRES, 2005).

Segundo Christian Kleese (1999) *apud* Wentzel (2010) as modificações corporais dos primitivos modernos devem ser extremas e diferenciadas claramente dos outros tipos de alteração corporal aceitas socialmente. Por isso, é importante distinguir o caráter exploratório das práticas e dos rituais neotribais de outro tipo de modificações corporais que podem se associar ao consumo narcisista (LIPOVETSKY, 1990 *apud* WENTZEL 2010), porém os limites entre as duas não são fixos, nem opostos e muitas vezes convivem dentro do ecleticismo pós-moderno.

Assim, logo de saída, Fakir estabelece uma diferenciação entre pessoas cujas modificações revelam meramente o interesse estético de se adequar à moda e pessoas que as fazem como resposta a uma necessidade interna. Haveria, portanto, intuitivamente, a necessidade interior de experiências corporais. Por exemplo, conforme Musafar, as tatuagens deveriam ser fruto de visões da própria pessoa ou de algum tipo de Xamã que pudesse descobrir qual imagem deveria ser feita no corpo. Ou seja, de acordo com Musafar, haveria uma certa coordenação entre o que se poderia chamar de um *self* primitivo interior, o corpo e a vida da pessoa. Qualquer intervenção corporal em resposta ao *self* primitivo seria capaz de mudar sua vida como um todo (LIRIO, 2010).

De acordo com Wentzel (2010), as técnicas que influenciaram os neotribais têm origem em diversos contextos histórico-culturais, assim, sua propagação requer uma ressignificação delas próprias, não só por parte dos sujeitos, mas também por sua inserção nas sociedades urbanas, industrializadas ocidentais, um novo contexto comercial e cultural que impõe seus próprios códigos. Segundo Kemp (2005), não há por parte dos integrantes desse grupo uma preocupação em “manter as tradições” nem em estabelecer ligações com mitos e ritos como tinham as sociedades tradicionais.

A tradição do outro, que em seu contexto original representa os laços do indivíduo com o grupo e suas tradições, serve inesperadamente como recurso de rompimento com sua própria história. Reapropriados dentro de um novo contexto

cultural, a tradição adquire um novo sentido e abre possibilidade de novos usos e representações (KEMP, 2005).

Agora, as técnicas são apropriadas como forma de expressar a discordância dos padrões impostos de beleza e consumo da individualidade. A antropóloga dá ênfase para o interessante que é como se cria e se legitima - através da apropriação de símbolos primitivos, que nada tem a ver com as noções de pertencimento originais - essa expressão no contexto atual.

1.6 ESPELHO, ESPELHO MEU: A ACEITAÇÃO DAS MODIFICAÇÕES ESTÉTICAS

Atualmente, assistimos no Brasil, em especial nas camadas médias das grandes cidades, uma glorificação do corpo acompanhada pela crescente exibição pública desse, que antes era escondido. Essa exposição acaba constrangida pelas regras sociais interiorizadas pela sociedade, requer dos indivíduos não apenas o controle de seus desejos como também sua aparência física. (GOLDENBERG e RAMOS, 2007)

Como afirma Le Breton (2003), a maleabilidade de si e a plasticidade do corpo se tornam lugares-comuns. A anatomia se transforma em matéria-prima para se modelar, se redefinir e submeter ao *design* do momento. Hoje, com os serviços e conhecimento estendendo-se desmesuradamente e estando à disposição, falar em modificação corporal implica pensar também no auge da aceitação das cirurgias estéticas e sua crescente naturalização cultural.

No período da transição do Brasil para a democracia e o neoliberalismo, o país sofreu uma explosão da 'indústria da beleza'. Os empregos na área dos serviços de embelezamento quase dobraram de 1985 a 1995 [...] Em janeiro de 2001, uma reportagem da [revista] Veja intitulada 'Brasil, império do bisturi' [10/1/2001] contou que o Brasil superou os Estados Unidos como país com maior número de cirurgias plásticas per capita do mundo (EDMONDS, 2007).

É fato que existem dois grandes polos de modificações corporais invasivas, duas tendências diferentes de corporalidade. Ambos fazem parte do mesmo processo cultural de construção de imagens corporais e vêm atraindo, constantemente, mais admiradores. Um é o comércio de cirurgias estéticas: lipoaspiração e plásticas; o outro, que é o foco dessa monografia, o Movimento de Modificação Corporal.

A relação entre esses dois fenômenos para Kemp (2005) resulta de um processo histórico de disputa de legitimidade e poder. A antropóloga afirma que o padrão de beleza de nossa sociedade remete à ascensão do modelo burguês de vida social. A classe médica

alcançou tal autoridade num processo de medicalização da sociedade que conseguiu a institucionalização da clínica e uma legalidade que consagra todas suas práticas.

A aceitação pública da medicina como competente e legítima deve-se também aos resultados positivos alcançados, de importância estratégica para vida contemporânea. Como a lógica central de nossa sociedade é o raciocínio do mercado, a medicina acompanha o arquétipo dominante, principalmente o valor de beleza – que orienta as condutas dos indivíduos impondo regras de cuidado com o corpo e faz com que as clínicas de cirurgia plástica se multipliquem (KEMP, 2005).

A medicina deixa de se preocupar somente com cuidar, justificando-se dos ‘sofrimentos’ possíveis; ela intervém para dominar a vida, controlar os dados genéticos; ela tornou-se uma instância normativa, um bipoder (Foucault)... (LE BRETON, 2003).

Kemp (2005) garante que a medicina estética não criou esses padrões de beleza, ela somente oferta os recursos necessários e viabiliza soluções para um modelo de corpo que está na “moda” e é divulgado pelos meios de comunicação. Assim são determinados os limites que definem a aceitação ou a estigmatização das alterações corporais. Contemporaneamente, a presença da mídia é uma forte influência tanto para expressão como para construção do corpo, já que ela difunde as tendências estéticas.

A publicidade serve para produzir um estilo de vida, fazendo com que a maioria dos “consumidores” esteja insatisfeito com sua aparência. As consequências do tempo, o envelhecimento ou gravidez, no caso da mulher, deixam de ser ‘naturais’, e natural passa a ser a modificação. A cirurgia plástica aparece abertamente na televisão - como no programa Globo Repórter, por exemplo - e nos últimos anos, várias reportagens em revistas nacionais traduzem o sucesso dos médicos brasileiros (EDMONDS, 2007).

Enquanto a cirurgia plástica começava a aparecer como forma medicalizada da cultura de aperfeiçoamento pessoal, às vezes também forçava os limites que definem a medicina: o crescimento das práticas publicitárias; o uso de vocabulário suavizante eufemístico para descrever os procedimentos médicos; a falta de critérios estabelecidos de diagnóstico; o surgimento de novos meios de financiar operações e incompreensão generalizada por parte do público a respeito das possibilidades e da realidade da cirurgia plástica (EDMONDS, 2007).

A mídia bombardeia com imagens e salienta a importância de adotarmos um padrão corporal específico, assim, outra modificação estética bem aceita em nossa sociedade é o *body building* ou “cultura da malhação”. Tem como objetivo mudar a estética do corpo utilizando a musculação e, segundo Goldenberg e Ramos (2007), se fundamenta na concepção de beleza e forma física como resultado do trabalho do indivíduo sobre seu corpo. As academias de ginástica proliferam pelas cidades para que as pessoas possam conseguir a forma desejada e,

para os frequentadores, representam também um estilo de vida, coberto de vaidade e negação das marcas de envelhecimento.

O *body building* é um hino aos músculos, um virar o corpo do avesso sem esfoladura, pois as estruturas musculares são tão visíveis sob a pele viva dos praticantes quanto as pranchas de Vesálio. Além disso, o condicionamento implica a distinção das séries musculares a serem trabalhadas separadamente uma após às outras. Peça por peça, o *body builder* constrói seu corpo à maneira de um anatomista meticoloso preso apenas à aparência subcutânea (LE BRETON, 2003).

Essa cultura da malhação e das cirurgias plásticas é uma resposta ao padrão de beleza difundido pela mídia, em alguns casos pela medicina, e imposto pela sociedade que transformam o “ser gordo”, por exemplo, em negligência. O indivíduo é considerado responsável por sua juventude e beleza, o corpo em forma torna-se sucesso pessoal (GOLDEMBERG, 2007). A ideia de que qualquer um pode ser bonito contribuiu para aceitação ampla e pública da cirurgia estética. Outro fator de aceitação dessa técnica é a melhora da saúde psíquica dos pacientes; já que seriam portadores de um “complexo de inferioridade”, a aparência pessoal criaria uma barreira psicológica para o sucesso (EDMONDS, 2007).

As mudanças no corpo acabam sendo usadas para explicitar a identidade, o estilo de vida e o grupo a que está inserido o sujeito. É de grande relevância, principalmente no capitalismo, cuja percepção do corpo é dominada por várias imagens que propõe padrões de representação corporal, umas influenciadas pela moda e outras contestárias que vão em direção oposta aos valores pré-estabelecidos.

Ao mudar o corpo, o indivíduo pretende mudar sua vida, modificar seu sentimento de identidade. A cirurgia estética não é a metamorfose banal de uma característica física no rosto, ou no corpo; ela opera, em primeiro lugar, no imaginário e exerce uma incidência na relação do indivíduo com o mundo. [...] A cirurgia estética oferece um exemplo impressionante da consideração social do corpo como artefato da presença e vetor de uma identidade (LE BRETON, 2003).

Vivemos em uma sociedade consumista onde a acumulação de capital situa o indivíduo socialmente, além disso, o consumismo permite à pessoa se situar subjetivamente, definindo sua autoimagem. Kemp (2005) afirma que vivemos em um período do sistema capitalista onde os bens materiais que adquirimos não podem ser dissociados da formação da nossa identidade. A linguagem do corpo que expressa nossa condição social e histórica existe desde sempre; o que o capitalismo faz é transformar esse processo de construção dos nossos corpos também em mercadoria.

O avanço da ciência, juntamente com a diversidade, possibilita ao indivíduo alterar seu corpo. Creio que, se a vontade de se modificar não aparecer da necessidade de viver como

vivem os outros membros de suas respectivas “tribos”, vem, certamente, do apelo social através dos meios de comunicação.

Já apropriada pelo sistema da moda, da publicidade e da mídia, a tatuagem (quando não muito grande, em grande número, ou em parte muito vistosa) transforma-se em adorno comum e aceito pela sociedade. Pessoas famosas ostentam tatuagens e se transformam em *outdoor's* da prática. O uso da mídia e da *internet* permitem a divulgação e o fácil acesso à obra dos artistas e estas, associadas à moda, buscam denunciar os preconceitos (PIRES, 2005). Porém, ao mesmo tempo em que ocorre esse processo das tatuagens serem incorporadas à simbologia de mercado, as outras formas de modificações corporais ainda são percebidas pela sociedade dentro da ótica da rejeição.

Os ‘primitivos modernos’ se apropriam dos rituais de modificação corporal a partir do referencial individualista de propriedade sobre um corpo que é único, insubstituível, passível, portanto, de interferências ditadas pela vontade pessoal. O mesmo vale para os consumidores de modificações corporais que procuram os produtos das novas tecnologias e técnicas clínicas (KEMP, 2005).

No âmbito das modificações corporais temos: de um lado membros de um grupo que se sujeita a horas na academia de ginástica, milhares de plásticas, buscando um modelo de beleza, criando peles esticadas, nariz fino, lábios carnudos, corpo magro, seios e nádegas grandes; de outro, participantes da tribo que moldam o corpo querendo ser diferentes. O primeiro grupo busca padrão de beleza, o belo imposto pela sociedade, utiliza as técnicas que moldam as características intrínsecas do ser humano tratando de ser o mais “natural” possível. O segundo, quer uma beleza diferenciada, que não tem correlação com características humanas.

Devido ao aspecto inusitado dos corpos transformados ou à agressividade das técnicas utilizadas, que podem ser vistas por muitos como demonstrações de loucura ou ‘masoquismo’, as práticas [utilizadas pelo Movimento de Modificações corporais] mencionadas costumam chocar aqueles que as observam de longe, considerando-as, em geral, demasiadamente exóticas, ao passo que outras técnicas, legitimadas pelo saber científico de especialistas, são adotadas por um número cada vez maior de pessoas em busca de uma aparência idealizada. Seriam aquelas mais agressivas e extremadas do que as já banalizadas operações plásticas no nariz, lifting, implante de próteses de silicone e lipoaspiração? (GOLDENBERG e RAMOS, 2007).

Porém, há um terceiro grupo de cidadãos, usuários das mesmas técnicas do primeiro, mas que optam por corpos que se destacam pelo exagero. Bons exemplos desse grupo são: as “mulheres fruta”, que fazem cirurgias plásticas e musculação para ficar com as nádegas grandes, seios fartos e coxas grossas - sem procurar naturalidade, mas sim uma sensualidade exacerbada- e a intenção é justamente o excesso com medidas avantajadas; e também os

fisiculturistas, apreciadores da vertente mais extrema da musculação, potencializam seus músculos mudando as formas inatas do corpo.

É contraditório que uma sociedade que valorize a identidade, a exclusividade e a unicidade utilize a maioria de suas inovações no campo da estética, tanto na área dos cosméticos como na das cirurgias, para tornar os indivíduos o mais homogêneos, o mais similares possível. Essa incoerência, que faz com que o diferente seja ao mesmo tempo desejado e repudiado, é alimentada entre outros setores pela moda, que estabelece, dentro de períodos distintos, o limite para sermos diferentes (PIRES, 2005).

Então, a busca por um corpo belo, seja através dos padrões de beleza ou das técnicas de modificação corporal, é um processo de *embodiment*, conceito usado por Thomas Csordas (2008), cuja tradução seria a construção da corporalidade. O autor cria o paradigma da corporeidade que pode ser entendida como um campo metodológico indeterminado, definido, como já foi citado, pela experiência perceptiva e pelo modo de engajamento no mundo, ênfase que será desenvolvida nos capítulos 3 e 4 sobre como os modificados percebem suas alterações.

A lógica do Movimento da *body modification* é a exibição deliberada das marcas e o significado está em sua visibilidade; já a das cirurgias estéticas, inversamente, o sucesso é marcado pela invisibilidade da cicatriz. (EDMONDS, 2007) O corpo construído pelos adeptos do Movimento de Modificação Corporal impõe uma certa tensão na área das cirurgias estéticas, já que mostram a possibilidade de uma corporalidade que revela a experiência de sujeitos que utilizam seus próprios métodos e estão à margem do padrão estabelecido de beleza (KEMP, 2005).

A construção da corporalidade pelas práticas do Movimento de Modificação Corporal é, como já foi dito, o tema dessa monografia. Este trabalho tem o objetivo de compreender, através das apreensões sociais ao redor das modificações corporais e da própria percepção de seus adoradores, a importância de fatores que estão ligados às marcações no corpo como: identidade, beleza, dor, prazer, memória e preconceito. Consiste numa tentativa de aprender sobre esses aspectos tendo como objeto algumas das práticas inseridas no vasto campo da *body modification*.

Acredito que a questão do preconceito é a que precisa de uma resposta mais urgente. Qual seria o limite de aceitabilidade social para a intervenção no corpo e o que informam esses limites? A intenção aqui é mostrar como os modificados se sentem em nossa sociedade e quais os significados que suas aquisições corporais carregam.

2. A EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

Por ter muito interesse e eu mesma possuir algumas modificações, pretendo, através deste trabalho, conhecer as motivações, o sentido dessas práticas e o posicionamento de quem opta pela intervenção no corpo. Deixei, então, de ser apenas uma adepta às modificações para me tornar uma pesquisadora, tentando me afastar do conhecido e compreender as várias identidades que uma sociedade complexa comporta (VELHO, 1994).

É interessante estudar essas mudanças que aparecem primeiro como distintivo de pequenos grupos, depois como expressão dos movimentos jovens até ganhar a adesão de grande parte da população, aumentando a incidência dessa prática. É notório o crescente o número de pessoas que apresentam modificações corporais. Torna-se importante tentar entender essa linguagem e saber o porquê dos homens sempre estarem em busca da mudança, o que ocorre há anos.

2.1 METODOLOGIA

Para dar conta do tema proposto, o método de pesquisa que utilizei foi o qualitativo que, segundo Velho (1978), foi com o qual a antropologia se identificou. Assim, a observação participante, a entrevista aberta e o contato direto com o universo estudado tornam-se marcas registradas da disciplina.

O antropólogo precisa estar entre aqueles cuja cultura pretende observar, registrar e experimentar. Nessa condição, o pesquisador não apenas observa e questiona, mas participa das atividades do grupo observado, interagindo na medida do possível (KEMP, 2005).

Me propus, então, a fazer uma etnografia: método de investigação antropológica - através de seu mais importante instrumento, a já citada observação participante. Ela oferece uma aproximação entre pesquisador e pesquisados, impondo um deslocamento da cultura do investigador para se situar no interior do fenômeno observado, inserindo-o assim na comunidade de praticantes.

Os trabalhos de campo da antropologia, as chamadas etnografias, constituem a base da pesquisa empírica dessa ciência. Fazer etnografia significa passar um tempo relativamente longo entre os integrantes de um grupo social empregando a metodologia da 'observação participante' (KEMP, 2005).

A etnografia que é fundadora da etnologia e da antropologia [...] não consiste apenas em coletar, através de um método estritamente indutivo, uma grande quantidade de informações, mas em impregnar-se dos temas obsessivos de uma sociedade, de seus ideais, de suas angústias. O etnógrafo é aquele que deve ser capaz de viver nele mesmo a tendência principal da cultura que estuda. [...] Assim, a etnografia é antes a experiência de uma imersão total, consistindo em uma

verdadeira aculturação invertida, na qual longe de compreender uma sociedade apenas em suas manifestações ‘exteriores’ (Durkheim), devo interiorizá-la nas significações que os próprios indivíduos atribuem a seus comportamentos (LAPLANTINE, 1988).

Ao contrário dessa abordagem etnocêntrica, a abordagem etnográfica se constrói tomando como base a ideia de que os comportamentos humanos só podem ser devidamente compreendidos e explicados se tomarmos como referência o contexto social onde eles atuam. Para tanto, torna-se fundamental entendermos o ponto de vista do nativo, procurando o significado das práticas pesquisadas para os praticantes (VICTORA, KNAUTH, HASSEN, 2000).

Ao longo do curso de bacharelado em Ciências Sociais, fiz observações em dois estúdios: *Natural Tattoo* (2010) e *Portuga Tattoo* (2013), além de análise de procedimentos feitos por Camila Marun (2013), tatuadora que atende seus clientes em sua residência. Participei de duas convenções (em 2013 e 2014) de tatuagem e *piercing* que contaram com a presença dos melhores tatuadores do sul do Brasil.

Além dessas análises, fiz entrevistas em profundidade, com o auxílio de um roteiro (disponível em anexo). Essa técnica consiste em formular perguntas para os investigados com objetivo de obter dados que sirvam à investigação.

A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 1994).

Essas foram realizadas, nos estúdios, com os profissionais Itamar, Bárbara e Camila (nos eventos, ninguém foi entrevistado). A única conversa gravada foi com Itamar. Entrevistei também homens e mulheres, adeptos de modificações mais comuns (tatuagens e *piercings*), mas que possuíssem, no mínimo, mais de dois tipos de intervenção. Também conversei com muitos clientes que buscaram, nos locais visitados, alterações corporais. Esses diálogos possibilitaram a reunião de elementos sobre os diversos aspectos da vida social e do comportamento desses grupos - o “olhar, ouvir e escrever” (OLIVEIRA, 1998) me auxiliou a captar as informações de campo.

Como estive pessoalmente apenas com Itamar Soares, que fez intervenções mais “radicais”, decidi fazer um questionário no *Google Drive*⁵ - ferramenta de armazenamento de dados do *Google*, onde é possível fazer formulários que são respondidos *on-line* e cujas respostas são enviadas, em forma de planilha do *excel* para o *e-mail* do pesquisador - para ter acesso às opiniões dos considerados “extremos”, normalmente concentrados em São Paulo, uma vez que o tema das modificações tem maior visibilidade por lá.

5

Disponível

em:

<https://docs.google.com/forms/d/1oH779BvwQ4EztZW128foNtY1mJtxf2CgTFicxc8IngA/viewform>

Fiz contato, através de uma rede social, com Nathalia Abreu, uma das autoras do livro “Corpo ao Extremo: a nova face de uma cultura modificada”. A escritora me enviou alguns nomes importantes de seguidores da *body modification* e, através do contato com eles, fui encontrando outros simpatizantes que fazem parte da mesma rede. As perguntas foram enviadas para quarenta praticantes, sendo vinte e quatro homens e dezesseis mulheres. Apenas oito responderam.

Esses depoimentos foram codificados e categorizados; separei os entrevistados (com quem tive contato pessoal e os que responderam virtualmente) em dois grupos (como mostra a tabela): os simpatizantes de modificações básicas e os mais *hard* que optam por intervir no corpo com práticas que exigem intervenções cirúrgicas. Posteriormente, os resultados foram submetidos à análise qualitativa de conteúdo a fim de comparar as percepções dos fãs de alterações corporais corriqueiras com os de modificações extremas sobre os temas: significado do corpo, marcas e dor, erotização, profissionalização, superação de limites e preconceito.

Para que fique mais clara a visualização das respostas dos entrevistados no capítulo de análise de dados, fiz uma tabela onde se pode identificá-los pelo nome, idade, profissão e número de modificações. Assim, é mais fácil distinguir o perfil do discurso de quem é seguidor de modificações usuais ou “extremas”.

Tabela de entrevistados:

Apresentação	Local de nascimento / Idade	Profissão	Quais Modificações possui
Adeptos de modificações "extremas":			
Kasha	Gramado/ RS – 36 anos	3 ° grau cursando, Fotógrafa	escarificação, tatuagens e <i>piercings</i>
T. Angel	Osasco/ SP – 32 anos	Bacharel e licenciado em História	tatuagem, <i>piercings</i> , escarificação, implante, <i>tongue split</i> e suspensão.
Gian Carlo Ribeiro (Ralado Piercer)	São Miguel do Oeste/SC – 33 anos	Ensino médio completo, formado e com registro no MT como Técnico em Segurança no Trabalho, mas não atua nessa área há muitos anos. Atualmente é Perfurador Corporal, <i>Suspende</i> e Modificador Corporal. Fez vários cursos, seminários e <i>workshops</i> nessa área nos últimos 7 anos.	tatuagens, perfurações em vários locais, escarificações, suspensões, implantes.
Jessyka Leão	Rio de Janeiro – sem informação de idade	Ensino médio completo	50 % do corpo tatuado, 3 implantes, 10 <i>piercings</i> , alargadores, suspensão corporal e pretensão de <i>tongue split</i> .

Pandão Piercer	Varginha/MG – 23 anos	Escolar: 2º grau completo. Profissional: autodidata e <i>workshops</i> com amigos mais experientes na área (<i>Piercing</i> e modificações mais extremas)	Tatuagens, algumas escarificações, <i>tongue split</i> , lóbulos das orelhas alargados em 40mm, <i>big labret</i> (lábio) em 14mm, <i>big septo</i> em 10mm, <i>big conchas</i> nas duas orelhas 8mm (alargador na concha da orelha), mamilos alargados em 4mm, <i>Prince Albert</i> em 6mm (perfuração genital na glande), suspensão.
Karine Guimarães	Petrópolis/RJ – 25 anos	Segundo grau completo. Tatuadora profissional há 6 anos	65% do corpo tatuado, alargadores de 40mm, <i>tongue split</i> , implante subcutâneo na mão, <i>eyeball tattoo</i> e um <i>piercing smile</i> , suspensão
Junior Piercer	Osasco/SP – 23 anos	Ensino superior cursando-tatuador, modificador corporal, fotógrafo e <i>designer fashion</i> .	68% do corpo tatuado, escarificações, alargadores nos lóbulos 68mm, <i>tongue split</i> , <i>ear point</i> , implante subcutâneo, expansão no nostril 6mm (aba do nariz), expansão no septo 10mm, <i>piercings</i> , suspensão.
Milze Tiemi (Muse from Hell)	São Paulo/SP - 34 anos	Automação de Escritórios e Secretariado (FATEC - SP) - Incompleto. Profissões: <i>Body Piercer</i> , <i>Bartender</i> e <i>Massoterapeuta</i>	15 tatuagens, 26 <i>piercings</i> , 10 alargadores, 2 implantes transdermais, 2 <i>ear points</i> e 1 <i>tongue splitting</i> , suspensão.
Itamar Soares	Guaíba/RS – 36 anos	Perfurador Corporal e Modificador Corporal	Várias tatuagens, <i>piercing</i> , <i>brandig</i> , escarificação, implante de silicone, suspensão.
Adeptos de modificações corriqueiras:			
Fernanda Katzap	Porto Alegre/RS – 23 anos	Ensino médio completo e técnico em publicidade e propaganda.	8 Tatuagens e <i>piercings</i>
Bruna Marques	Porto Alegre/RS – 24 anos.	Ensino superior incompleto	9 tatuagens (4 grandes e 5 pequenas), 3 <i>piercings</i> (no septo, na boca e na orelha) e alargadores 10mm.
Paola Troian	Porto Alegre/RS – 25 anos	Ensino superior Completo	6 tatuagens.
Fernanda Lamper	Porto Alegre/RS -22 anos	Ensino médio completo. Técnico em contabilidade	16 tatuagens e 5 <i>piercings</i>
Katiele Santos	Viamão/RS -23 anos.	Ensino superior incompleto	3 tatuagens (panturrilha, ombro/braço e coxa) e 2 <i>piercings</i> (na orelha e no nariz)
Debora Oliveira	Viamão/RS - sem informação de idade	Ensino médio completo	Dois tipos: alargadores e tatuagens, incontáveis.
Andrew	Porto Alegre/ RS – 24 anos.	Ensino médio completo. Radialista	8 tatuagens, 1 <i>piercing</i> no nariz e as duas orelhas furadas.
Paula	Porto Alegre – RS -sem informação de idade	Pedagoga	13 tatuagens, 3 <i>piercings</i> e alargador na orelha 10mm .
Bárbara Goerl	Porto Alegre/ RS- 25 anos	Tatuadora, perfuradora corporal e técnica de enfermagem	Mais de 30 tatuagens e 7 <i>piercings</i> .

Camila Marun	Porto Alegre/ RS- 25 anos	Tatuadora.	17 tatuagens e 2 <i>piercings</i> apesar de já ter colocado e tirado vários.
Clarissa Facco	Porto Alegre/ RS – 23 anos	Ensino superior incompleto. Técnica em meio ambiente.	8 tatuagens e atualmente 2 <i>piercings</i> , já teve mais.
Cristine Agassis	Porto Alegre/ RS - 28 anos.	Advogada	2 tatuagens (nas costas) e 3 <i>piercings</i> (no umbigo, mamilos e orelhas).
William Mello	Porto Alegre/ RS – 26 anos	Ensino superior incompleto.	3 tatuagens.
Marcel (Spyke)	Porto Alegre/ RS – 25 anos	Tatuador e perfurador corporal	Várias tatuagens (costas, braço e pernas totalmente cobertos) e vários <i>piercings</i> .

Foram feitas, também, uma pesquisa na literatura disponível sobre o tema e uma análise em recursos secundários, como *blogs* e fóruns específicos em redes sociais onde os modificados expressam suas opiniões e, especialmente, no mais conhecido *site* destinado a esse público: o BME (*body modification ezine*) - canadense. Criado em 1994, por Shannon Larrat, é uma referência para todas as pessoas interessadas nesta área. Com a finalidade de construir uma “comunidade”, a partir dele se pode ver fotos (para ter acesso as mais extremas é necessário senha), ler entrevistas e depoimentos, saber das novidades, participar de *chats*, obter endereços de estúdios, lojas e clínicas relacionadas á área.

2.2 ENTRADA EM CAMPO

Venho trabalhando no tema desde 2010, quando entrei na faculdade de Ciências Sociais. Comecei a pesquisar o assunto para a monografia de conclusão da disciplina Antropologia I, com o professor Ario Oro. Assim que escolhi o assunto do trabalho, conversei com um amigo, de apelido Spyke, que também é *body piercing* e tatuador. Combinamos de eu fazer observação de campo num estúdio de amigos dele, o *Natural Tattoo*, localizado no segundo andar da galeria Malcon, no centro da cidade de Porto Alegre.

Após a primeira observação de campo, fui à biblioteca da faculdade de Psicologia da UFRGS para retirar a tese de Márcia Regina Ribeiro “Primitivos modernos. A modificação corporal e o retorno do corpo animal: entregarás teu corpo/animal em sacrifício ao grande outro”. O conteúdo desenvolvido por ela poderia me ajudar na confecção da monografia. Para minha surpresa, um dos entrevistados na tese era Itamar Soares, o *body piercer* do estúdio que eu estava frequentando. Descobri que Itamar é um dos mais modificados de Porto Alegre: possui várias tatuagens, *piercings*, escarificações, implantes subcutâneos e já havia se suspenso.

Nesse ano, fiz seis visitas de campo e fui bem tratada pelos dois rapazes (o tatuador e o *body piercer*); eles sempre se mostravam interessados no trabalho e à disposição para responder minhas dúvidas. O material mais valioso dessa pesquisa foi a entrevista com Itamar Soares que, como já foi dito, é um dos praticantes mais ativos de Porto Alegre.

Em 2013, me aprofundi mais no assunto e para o trabalho final da cadeira de Pesquisa Qualitativa, com a professora Cornélia, foi necessário ir de novo a campo. Contatei Bárbara Goerl, tatuadora, *body piercer* e gerente do *Portuga Tattoo*. Consultei sobre a possibilidade de fazer observação no estúdio em que ela trabalha, no primeiro andar do prédio 98 da rua Dr. Flores, centro de Porto Alegre.

No primeiro contato, conversei com a gerente por cerca de 40 minutos, expus os conceitos que eu desejava abordar. Ela se mostrou bastante receptiva e comentou que se formou em um curso técnico de enfermagem e que poderia me ajudar. Falamos, abertamente, sobre as modificações corporais em geral, ela me mostrou algumas no corpo dela e me contou um pouco da história de cada uma. Perguntou-me se eu tinha alguma, lhe mostrei e, depois disso, ela pareceu “gostar” mais do projeto, principalmente porque não se tratava de mais um curioso, um estranho, outro alguém de “fora” tentando explorar o assunto.

Os dois estúdios são bastante parecidos: logo na entrada, a sala de espera tem algumas cadeiras, um balcão e estantes expositoras onde ficam as joias de *piercing*, uma mesa com computador e uma prateleira com catálogos de desenhos e revistas de tatuagens.

No primeiro, que é maior, há mais duas salas, uma para tatuagem e outra separada onde são realizados procedimentos de *piercings*, escarificações e bifurcações (Itamar é um dos poucos profissionais que realiza essas duas últimas técnicas em Porto Alegre). O segundo estúdio compartilha o espaço com um salão de beleza, uma divisória limita os dois estabelecimentos.

Ambos são mobiliados com duas macas-cadeiras, parecidas com as de dentista, um balcão com tintas, agulhas e as máquinas de tatuagem e, ainda, a autoclave, que é usada para a esterilização dos equipamentos e das joias. Os estabelecimentos são decorados com quadros e modelos de tatuagens.

Dias depois, Bárbara me disse que iria à casa da tatuadora Camila, amiga em comum, colocar um *piercing* numa cliente e que, no mesmo dia, Camila tinha uma tatuagem agendada. Combinei, então, de encontrar Camila no centro da cidade para irmos juntas à casa dela. Antes, passamos na loja do *Verani Tattoo* para ela comprar agulhas descartáveis, pois não dispõe de autoclave. Chegamos ao destino, na Cidade Baixa, e Bárbara chegou logo após.

Achei interessante a ideia de acompanhar o trabalho de uma tatuadora iniciante que preferia trabalhar em casa por questões financeiras. Pude entender como é difícil o acesso de principiantes nesse meio e o quanto eles precisam trabalhar precariamente até se estabelecer.

2.3 EVENTOS

Em novembro de 2013, compareci ao 3ª *Expo Tattoo RS*, que ocorreu no centro de eventos Casa do Gaúcho, no parque Harmonia, em Porto Alegre. Convidava visitantes com a frase “Vem para quebrar tabus e preconceitos!”. O evento contou com a presença de Gaby e Victor Peralta, o casal que está no *Guinness book* como mais modificado do mundo.

No início de 2014, ocorreu encontro parecido, no mesmo local. Combinei com alguns amigos, também interessados no assunto, de ir ao *Tattoo Show RS*, realizado dias 12 e 13 de abril. Tratava-se de uma convenção de tatuagem e *piercing* com os melhores profissionais do Sul do Brasil. Esta era descrição dos organizadores do evento no *Facebook*: “Serão dois dias de cultura e muita arte. Concurso de tatuagem e *piercing* e a presença do casal mais modificado do mundo”.

As duas convenções contaram com vários expositores de venda de tinta, máquinas para tatuagem, revistas e livros com modelos de desenho, além de acessórios e *piercings* e, obviamente, *stands* de estúdios de tatuagem. Os técnicos escolheram voluntários que não precisavam pagar pelo serviço e tatuaram figuras enormes em um único dia (é necessário que a tatuagem seja feita no dia e no local para que possa participar de concurso).

No primeiro evento, duas amigas minhas serviram de modelo, uma para o tatuador Clayton Dias (Nego) e outra, para Jorge Vilella, ambos do estúdio *Verani Tattoo*. Concorreram em categorias diferentes, ficaram cerca de 8h “na agulha”, mas nenhuma delas ganhou. No segundo, outras duas se dispuseram como “tela”, uma para o Digo Passos, do *Verani*. Apenas uma saiu vitoriosa, a própria Bárbara, que tatuou a cabeça com o Juliano Torres, na época tatuador do *Edu Tattoo*, que foi premiado na categoria pontilhismo no 1º *Tatto Show Rs*.

A realização dos dois eventos é feita pelo estúdio *Neto Tattoo* e eles não foram muito bem difundidos na mídia, a maioria é convidada pela própria rede social *Facebook*. Os encontros são grandes oportunidades para que os profissionais, tanto *body piercers* como tatuadores, possam divulgar seus trabalhos, seus estúdios e suas técnicas. E, segundo os organizadores, estão “contribuindo com sua forte influência artística e cultural para a

divulgação da tatuagem como forma de expressão da arte e como empreendimento comercial”.

Em todos os *stands*, ouve-se o barulho da máquina de tatuagem e mais de um tatuador por espaço faz sua arte. Muita gente circula pelo interior da Casa do Gaúcho, a grande maioria das pessoas tem tatuagens e *piercings* e veste roupas pretas, normalmente camisetas de banda de *rock*. Também não são raros os que têm *dreads* e alargadores nos lóbulos. Um rapaz chama a atenção com um *pocket piercing* (vários *piercings* ligados por uma fita mimosa, como se fosse um espartilho) na área do peito e da barriga (Diário de Campo, 12/04/ 2014).

Nas duas convenções que compareci, pude perceber como as pessoas não olhavam nos olhos umas das outras, mas sim focavam nas pinturas aparentes. Vi gente que, quando não conseguia observar o suficiente “de passada”, parava as pessoas dizendo: “Moço/a, deixa eu ver tua *tattoo*?!”. Também observei pessoas entrando nos espaços só para o olhar os trabalhos, querendo saber quais concorreriam. Ouvi comentários como “Aquela das flores na perna da menina é a mais bonita pra mim!”. É um concurso extraoficial onde os tatuados se exibem e os outros comparam e julgam qual o melhor para si. O corpo é o eixo da interação social.

Um rapaz é suspenso pelos joelhos no palco do evento enquanto soa um *rock* pesado. Os responsáveis pela suspensão empurram o homem que fica balançando no ar. Quase no horário do encerramento (22h), Gaby Peralta se suspende pelas costas, faz malabarismos lá em cima e sorri como sentindo algo prazeroso. Depois de alguns minutos, baixam a moça para arrumar algo na corda. Ela não entende, não quer descer. Fazem o devido ajuste e a sobem novamente. Então, ela volta a ficar contente e a fazer estripulias (Diário de Campo, 12/04/ 2014).

Fiquei até o encerramento e, naquele dia, não houve premiação. Todos os trabalhos foram julgados dia 13. E, justamente nessa data, eu sabia que Victor Peralta se suspenderia. Compareci, mais uma vez na Casa do Gaúcho. Cheguei um pouco mais tarde, perto das 18h, pois sabia que a apuração só ocorreria no início da noite para dar tempo de todos terminarem suas artes. Ao entrar, fui informada que a suspensão já tinha acontecido.

Passei no estande dos Peraltas para tentar entrevista, mas nenhum dos dois estava presente. Mais tarde, encontrei a Gaby Peralta. Foi difícil chegar perto dela, pois as pessoas a paravam frequentemente para pedir fotos. Quando me aproximei mais, já vinha, simpática, em minha direção pensando que eu também queria foto. Expliquei-lhe meu trabalho sobre modificações corporais e pedi que me concedesse entrevista. A argentina me respondeu amavelmente: “*Hoy no, quiero irme a casa y dormir que estoy muy caliente, fijáte con Victor si él tiene ganas*”⁶. Avistei Victor só mais uma vez e ele passou por mim correndo. Infelizmente, não obtive a entrevista com o “casal mais modificado do mundo”.

⁶ “Hoje não, quero ir para casa e dormir porque estou muito irritada, veja com o Víctor se ele tem vontade”.

Começaram a julgar os trabalhos (concorrem também dois tipos de *piercings*) próximo das 19h. Anunciaram a categoria no palco, pediram para os modelos se posicionarem ao lado direito. Após as premiações de cada série, o evento encerrou às 22h com grande público.

Gostei bastante de participar dessas reuniões, principalmente por ter a chance de, pela primeira vez, assistir à performance de suspensão. O contato com os especialistas enriqueceu muito meu aprendizado.

3. A DOR E A DELÍCIA DE SER O QUE É

*“Temos um corpo, e ele é fluido [...] O
Corpo é a tua casa, a tua casa é como você quiser,
não fazer isso é não viver.”
(Fakir Musafar)*

Nessa parte do trabalho, pretendo mostrar, através de dados obtidos por meio das entrevistas e em campo, algumas das percepções dos modificados sobre certos aspectos. Os temas abordados foram: significado do corpo e das marcas, identidade, rito, marcas e memória, dor, prazer e a profissionalização.

3.1 “QUAL O SIGNIFICADO DE SEU CORPO PARA VOCÊ?”

O corpo é um suporte de símbolos, ele expressa para si e para os outros certa condição de estar no mundo (KEMP, 2005). Ele sempre escapa a uma única explicação ou definição, não é suficiente uma só linguagem, já que, como já foi citado, a simbologia depende do seu estado dentro de um contexto social e cultural específico. Essa forma heterogênea de tratar o corpo e a pele representa um ponto essencial na interpretação da superfície corporal e permite assim discernir quais estratégias devem ser seguidas ao decifrar o corpo manipulado. (ROSSI, 2011).

Creio que a pergunta principal a ser feita para compreender o estilo de vida e o estímulo dos modificados é qual o significado do corpo para cada um.. Quem os vê pode

pensar que eles se modificam sem nenhum propósito, porém pude perceber - através das entrevistas e de leituras de dados secundários – que, para muitos, tudo tem um significado, cada técnica conta uma história pessoal. Nota-se isso no relato de Bárbara:

Meu corpo é tudo que eu sou fisicamente, o que as pessoas podem ver, é o meu rótulo, meu *marketing* pessoal, meu tesouro, meu templo, todas as modificações, que fiz ao longo de minha vida, fiz com algum significado, nenhuma delas foi em vão, todas são especiais e marcaram algo importante (Bárbara Goerl).

Assim, o corpo “passa a ser agente e sujeito da experiência individual e coletiva, veículo e produtor de significados, instrumento e motor de constituição de novas formas do sujeito”. (MALUF, 2002 *apud* DOSSIN e RAMOS, 2008). Nesse sentido, meus dados também demonstram que as modificações demarcam mudanças e transformações significativas para os entrevistados.

As motivações variam. Para os adeptos de modificações mais corriqueiras, a que mais aparece, sem dúvida, é a estética; para os outros, também foram citados a espiritualidade e o prazer; mas, no geral, as marcas representam a construção de um indivíduo e estampam seus ideais. Tanto no campo social como no artístico, a emergência simbólica do corpo em geral e da pele em particular se produz tendo em conta o conjunto de signos corporais particulares, pois os símbolos exibidos através do corpo se estruturam a partir de princípios inerentes a cada sujeito (ROSSI, 2011). Nos discursos dos entrevistados “extremos”, a maior parte definiu o significado do seu corpo como “templo” e “santuário”:

Corpo e mente pra mim são uma coisa só... então modificar o corpo pra mim é modificar também a mente. Como um tipo de evolução como um todo. A modificação mais significativa é uma tatuagem na barriga de fora a fora com a palavra "Sanctuary" para eu nunca esquecer que não preciso de um santuário ou templo ou religião específica, pois meu corpo e mente, sim, são meu santuário” (Pandão Piercer).

Meu corpo é meu templo, por isso nada melhor do que decorar as paredes. Eu defino a *body modification* como se fosse uma miscigenação entre alma e espírito, ou seja um corpo só (Jessyka Leão).

Para esse grupo de simpatizantes, modificar-se é uma intervenção que, pelo jeito, não acontece só no corpo, mas também na alma, no espírito e na mente. Nesses trechos de entrevistas de favoráveis a técnicas mais *hard*, é possível perceber certa semelhança. Para eles, há uma correspondência entre mente e corpo, sendo que esse último é usado como suporte para externar o que vem de dentro. Isso fica mais claro, ainda, no comentário do Ralado Piercer:

Na minha opinião, a modificação corporal é o resultado e representação da minha modificação mental, espiritual, cultural e até intelectual... Pra mim, a modificação corporal vem de dentro pra fora, começa mudando por dentro até alterar

o lado de fora... Vejo meu corpo como uma forma de externar o que eu sinto ou sou por dentro, embora nem tudo que eu sinto ou sou eu queira externar... Mas acredito que seja isso, uma representação, em constante mudança, do que eu sou e/ou sinto... (Ralado Piercer).

Essa expressão do eu através da pele provoca a captação dos olhares dos outros, o que era subjetivo, espaço privado, torna-se uma espetacularização. A identidade, então, depende do olhar do outro, e essa noção é construída em relação a algo que é externo. Numa sociedade como a brasileira, e em termos de sociedades ocidentais, onde o culto ao corpo é predominante, a valorização da aparência inscreve-se num processo em que o corpo físico assume um papel fundamental na exteriorização da subjetividade e na construção das identidades. (IRIART *et. al.*, 2009).

3.2 AS MARCAS

As modificações incorporam várias formas. Cada povo insere em sua pele seus valores, seus modos de vida. Mudando o corpo, pretende-se mudar sua vida. (LE BRETON, 2003). Em diferentes sociedades, as joias que o corpo ostenta, geralmente, formam parte de um ritual, adornos que na maioria das vezes identificam a condição social e econômica do portador. Essa comunicação através do corpo muda com o passar dos anos, mas continua a ter função de identidade, memória, poder e atração. Hoje, as modificações ressurgem como enfeites da moda, a pele representa exibição em si mesma. Todas as práticas relativas às mudanças corporais, tendo como causa o adorno, merecem uma reflexão sobre os contextos nas quais estão inseridas e sobre toda a simbologia presente em sua concepção.

Quando uma pessoa faz uma tatuagem ou um *piercing* no corpo, ela não está apenas inscrevendo símbolos, significados e valores culturais em uma ‘matéria bruta’ – a pele ou a carne até então imaculadas. Portar uma tatuagem ou um *piercing* é também uma forma de se constituir como um determinado tipo de sujeito – nesse caso é o corpo, ou mais especificamente uma determinada corporalidade, que constrói uma determinada pessoa (MALUF, 2002 *apud* DOSSIN e RAMOS, 2008).

Devido aos avanços da ciência, hoje há a possibilidade de moldar o corpo, recriá-lo, construí-lo conforme a identidade que possui ou a identidade que deseja (PIRES, 2003). Essas formas de “diferenciação” corporal são pilares da identidade pessoal e/ou grupal e essas marcas se tornam meios de identificação e ícones pessoais.

No geral, minhas modificações têm o significado de criar uma identidade pela qual todos possam se lembrar de mim... Mesmo quem dirá um simples ‘oi’, me eternizará na mente (Junior Piercer).

Minhas modificações colaboram na construção da minha identidade pessoal e acho isso muito significativo (T-Angel).

Meu corpo é o meio de interagir com o ambiente: perceber através dos sentidos, agir e ser percebida [...]. Aprecio muito a *body modification* como forma de caracterização, identificação e expressão (Muse from Hell).

Através desses comentários, percebemos que há uma construção de identidade por meio da “fabricação” do corpo; o indivíduo modificado forma sua personalidade através de suas próprias marcas. A pele como superfície simbólica gera um intercâmbio social, certamente ela representa um elemento substancial de conexão e, desde aí, se impõe também como elemento cultural e representativo. Assim, o corpo se torna em mediador simbólico entre os indivíduos.

Em todos os momentos de nossas relações sociais, estamos nos posicionando em relação a situações, pessoas, objetos ou ideias. Nessa relação é que podemos nos perceber como sujeitos e tomar consciência de nossa subjetividade. Construimos e reconstruimos constantemente nossa identidade, através das ações e noções que resultam dessa interação social (KEMP, 2005).

Kênia Kemp (2005) afirma que não existe uma única identidade, somos seres multifacetados que a cada contexto atribuímos uma identidade. Identidade, para ela, é um conjunto de valores subjetivos que se agregam às formas diferentes que temos de conduzir diversas situações.

[...] pertencer a uma sociedade extremamente visual – a um período histórico onde o surgimento e a renovação de novos elementos e interesses sociais são constantes e ocorrem numa velocidade que dificulta sua apreensão, onde não existe mais nexos entre passado, presente e futuro, nem a obrigatoriedade e a segurança do definitivo, onde é cada vez mais difícil a sobrevivência de características próprias, sejam elas individuais ou sociais – desperta no indivíduo o desejo de apropriar-se fisicamente dessa inconstância e de adquirir por meio da fusão entre a ciência e a tecnologia atuais e o resgate de práticas milenares de alterações corporais desenvolvidas por outras sociedades, a opção de construir o seu corpo conforme a identidade que possui ou a identidade que deseja (PIRES, 2003).

A *body modification* possibilita ao indivíduo ser diferente de todos, inclusive de si mesmo em relação à sua origem, ser um corpo-imagem inconstante e mutante. A condição de ser dá lugar a de estar:

Acho fantástica a ideia de poder remodelar e não simplesmente aceitar que ‘somos assim’; não, não somos assim, nós estamos assim e podemos mudar a qualquer momento (Ralado Piercer).

Fica claro, nos discursos, o contentamento e a satisfação em ter domínio sobre o corpo. O homem pode construí-lo conforme seu desejo para tentar fugir de uma sociedade na qual é difícil a sobrevivência de características individuais. Assim como o mundo, onde tudo muda rapidamente, as técnicas utilizadas pela *body modification* criam novas formas e fazem com que o corpo torne-se diverso e surpreendente.

3.3 MARCAS E DOR COMO RITUAIS

Segundo Rossi (2011), a pele representa a zona erógena por excelência, um centro de sedução simultaneamente erigido em superfície de poder social mediante a manipulação de sua constituição física e sua projeção psíquica, aqui é onde as mudanças corporais são importantes, como meios efetivos para lembrar o que se viveu em um momento particularmente significativo. O corpo está imerso tanto na ritualidade como na sociabilidade, sobre ele exercem pressões psíquicas e físicas, formando parte de rituais cotidianos, públicos ou privados. (*ibid*, 2011).

O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns do grupo (SEGALEN, 2005).

Clastres (1990) considera que é grande o número de sociedades primitivas que dão importância ao ingresso dos jovens na idade adulta através da instituição dos chamados ritos de passagem. Esses rituais de iniciação constituem muitas vezes um eixo essencial em relação ao qual se ordena a vida social e religiosa da comunidade. Somente o corpo é designado pela sociedade como local propício a conter sinal de um tempo, o traço de uma passagem, a determinação de um destino. O corpo mediatiza a aquisição de um saber e esse saber é inscrito nele.

Os rituais de modificação corporal, mesmo que por intermédio de técnicas que provoquem dor, objetivam sensações que integram o indivíduo e sociedade, proporcionando sensações que passam pelas noções de conforto, confiança e participação (KEMP, 2005).

De uma tribo à outra, diferem os meios e as técnicas, mas todas têm a mesma característica: provocam o sofrimento. Nas sociedades primitivas, a tortura é a essência do ritual de iniciação e, através do sofrimento do indivíduo, é que a tribo lhe passa o ensinamento. A iniciação é, inegavelmente, uma comprovação da coragem pessoal e essa se exprime no silêncio oposto ao sofrimento. Após a iniciação e “esquecido” o sofrimento, fica um saldo irrevogável: as cicatrizes das feridas recebidas. Um homem iniciado é um homem marcado. Essa marca seria um obstáculo ao esquecimento, já que ela foi sentida em um momento de medo. A intenção é não perder a memória do segredo confiado pela tribo, assim a função da iniciação de marcas no corpo é avaliar a resistência pessoal e tem como meta proclamar um pertencimento social (CLASTRES, 1990).

O rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, detentores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma série de objetos, por sistemas de comportamentos e de linguagem específicos e por sinais emblemáticos

cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo (SEGALEN, 2005).

Para Sara Silva (2009), no processo de marcar os indivíduos nesses rituais das sociedades tribais, o sujeito é posto em um lugar de entrega, de vulnerabilidade, enquanto outros manipulam seu corpo. Mas, por trás dessa submissão, o corpo evoca um caráter de resistência para superar esses limites.

Os ritos de passagem representam um deslocamento de fronteiras. Turner (1974) dá atenção para a noção de liminaridade como um estágio ritual que torna possível, momentaneamente, um posicionamento fora das hierarquias, das classes e da ordem social. Um período à margem, como um estado não estruturado, porém é um momento situado entre dois estados estruturais. Ou seja, seria um estágio onde não se é mais o que se era, e não se é ainda o que se será. É um momento no qual o neófito é despido de sua identidade, é nada no grupo: não tem significado nem função social.

Durante o período de liminaridade, e todas as suas características de abolição das estruturas hierárquicas, observa-se um estado de compaixão entre aqueles que passam por esta situação juntos. O autor aponta para o surgimento do estado de *communitas*, entre aqueles “ninguéns”, uma “comunidade” de indivíduos iguais com sentimento de passividade e submissão ao grande grupo. A liminaridade implica que o alto não poderia existir sem que o baixo também existisse e quem está no alto deve, primeiramente, experimentar o que é estar em baixo e o faz nos ritos de passagem (TURNER, 1974).

Quando o ritual é concluído, o indivíduo é um novo ser, abrindo uma nova etapa de vida. O rito de passagem caracteriza uma mudança de significado social do indivíduo, em qualquer segmento da estrutura social. Uma das diferenças principais entre as sociedades tradicionais e a nossa, em referência às modificações corporais, é a relação que elas estabelecem com o tempo e a razão porque são feitas. Nas tradicionais, havia dois tipos de rituais onde inseriam-se marcas: os que preparavam o indivíduo para determinada atividade que acontecia somente em estabelecida faixa etária e os que registravam seus feitos heroicos. Já em nossa sociedade urbana, as marcas são adquiridas pelos membros quando esses estão prontos para fazê-las, se dá como registro do que ocorreu no passado, um registro que ajuda a criar a identidade (PIRES, 2005).

Os adeptos da *Body Modification* só se sentem completos quando adquirem suas respectivas marcas pessoais. Para esses indivíduos, a lembrança de acontecimentos especiais e as emoções que estes despertam devem ser visíveis e estar registradas sobre o que de fato lhes pertence: o corpo. O símbolo pessoal surge da associação, na maioria das vezes, inconsciente, que o indivíduo estabelece entre um desenho, uma forma, e o sentimento, a sensação que determinado fato lhe despertou. É escolhido e determinado segundo o gosto estético pessoal, a ligação

emocional que determinada imagem exerce sobre ele e o controle que este tem sobre o corpo. Como essa associação se dá de forma absolutamente particular, o real significado de qualquer uma das marcas corporais só é totalmente compreendido pelo indivíduo que a possui [...]. Possuir registros corporais faz o indivíduo manter com estes, diferentemente do que mantinha com os que permaneciam longe do manuseio cotidiano, um contato visual e tátil permanente. O corpo passa, assim, a contar a história do indivíduo, não apenas pelo processo biológico natural de envelhecimento, mas também pelos fatos que este, de forma deliberada, quis que ficassem registrados (PIRES, 2003).

Para alguns indivíduos as modificações corporais são feitas com o intuito de marcar alguma fase da vida, algo que foi importante para eles ou até homenagear pessoas (esse último foi o único motivo de “arrependimento” citado por alguns entrevistados). As marcas com essa finalidade são mais comuns no caso das modificações que são feitas através de desenhos, como as tatuagens e escarificações.

Tenho umas 17 tatuagens e dois *piercings* no momento, apesar de já ter colocado e tirado vários. Minhas tatuagens marcam momentos da minha vida, então na sua grande maioria, elas têm um significado. Tenho uma pata de cão tatuada nas costas e ela é a mais importante, fiz por causa da minha cadela que viveu 16 anos comigo e sinto falta dela todos os dias [...]. A dor faz parte, mas no final o resultado vale a pena [...]. Modificações corporais já diz, modificações, na sua grande maioria tudo que se muda não é normal e é propício à dor. Acredito que, quem tem o que expor, não se importa com certas dores. Marcam momentos que passaram, que algumas foram sobre momentos bons como a patinha, foram tantos momentos bons que me causam falta e não voltam mais... que a dor de tatuagem é válida para homenagear algo que te foi e é importante.. (Camila Marun).

Tudo é uma passagem... na Nova Zelândia, eles fazem assim, eles ganham uma *tattoo* por merecimento, quando o guerreiro traz a cabeça do inimigo pro pajé da tribo, ele ganha uma tatuagem na cara... só assim ele ganha. É igual a essa que eu tenho aqui (mostra a *tattoo* do pescoço que segue até o queixo), mas eu não matei ninguém! Representa as minhas conquistas. É uma passagem... Toda *tattoo* tem uma história, eu olho pra cada *tattoo* minha e tem uma história, representam cada fase da minha vida. Uma é uma fase, outra é outra fase (Itamar Soares).

Assim, o registro que fica no corpo passa a funcionar como signo que faz a pessoa lembrar algum momento vivido. A marca se torna um divisor, separando fatos que ocorreram antes e depois da modificação.

Em uma das visitas ao *Natural Tattoo*, conheci outra Camila, uma jovem que foi terminar sua tatuagem ao longo da cintura. Ela já tinha o desenho feito, faltava apenas colorir. Eram duas fadas Sininho, do filme Peter Pan, da *Disney*, e borboletas. Ela me contou que fez para cobrir as estrias que ficaram após o nascimento do filho. Esse tipo tatuagem, para dissimular imperfeições ou cicatrizes, é bastante comum; um bom exemplo são as mulheres que fizeram a reconstrução do seio, após o câncer de mama, e tatuaram o mamilo. São tatuagens estéticas e, apesar da proximidade, é uma forma de não recorrer às cirurgias

plásticas. As marcas da *body modification* acabam sendo úteis também para esconder outras marcas que as pessoas não querem mais expor.

Nesse dia, a mesma moça, fez uma tatuagem na parte interna do lábio inferior da boca. Escreveu a frase: “Bira, te amo!” para o marido dela. Muitas tatuagens são feitas como uma forma de homenagear gente querida, gravando na pele algo que a lembre. Uma vez inscritas, elas proclamam a importância de tais pessoas na sua vida. Mostrou-me também o pulso, onde tinha gravado o nome do filho, e uma borboleta grande no antebraço. Um problema surge quando as pessoas ou coisas deixam de ser importantes e a imagem torna-se motivo de arrependimento. A jovem explicou-me que o inseto foi feito para cobrir o nome do ex-namorado. Na maioria dos casos de desgosto, tatuagens ou escarificações maiores são feitas por cima das existentes de forma a disfarçar, pois as seções de remoção com raio *laser* são muito caras, além de, na maioria dos casos, não remover completamente. Tive outra prova de situação semelhante quando fui observar o procedimento na casa da tatuadora Camila. Fomos buscar Jéssica (cliente de Camila) e, no caminho, a profissional perguntou à moça o que ela desejava tatuar. Como resposta, ouviu que queria encobrir uma frase no braço dedicada à ex-namorada e que gostaria de algo meio parecido com o que tinha no outro braço (uma tatuagem tribal no estilo maori).

Outro dia no *Natural Tattoo*, presenciei a visita de uma menina que não tinha nenhuma modificação. Escolheu, na pasta com sugestões de imagens, um desenho com três borboletas e decidiu fazê-las no final das costas. Era a primeira tatuagem dela e parecia bem nervosa. Quando Tiago, o tatuador do estúdio, ligou a máquina ela logo perguntou: “Dói muito?”. Tiago respondeu que era só um pouquinho. Durante todo o procedimento, ela gritava de dor. Ao final da seção, chegou à sala de recepção, olhou pra mim e sua amiga que a acompanhava e disse: “Eu nunca mais faço uma tatuagem, gurias, eu me senti muito mal ali!”. Apesar disso, ela parecia altiva, numa indescritível sensação de vitória e felicidade. Ela me mostrava as borboletas com orgulho e perguntava: “Ficou bonita a tatuagem, né?”.

Durante as observações e entrevistas, foi o único caso em que alguém manifestou não querer mais se modificar, porém, vale lembrar que as entrevistas foram feitas com quem já possuía mais de uma modificação. Pelo que eu pude perceber conversando com as pessoas, elas tendem a conviver bem com suas modificações e sentir orgulho delas, mesmo quem levou essas práticas ao extremo. Para os que fazem parte do movimento de modificação corporal, parece que não é a modificação em si que conta, é o ritual que a envolve. Para eles, é importante sentir dor durante o processo. Provam-se resistentes ao sofrimento mostrando suas marcas.

Atribui-se às modificações, o poder de complementar o indivíduo que, após sua aquisição, se sente mais seguro e preparado para enfrentar qualquer situação. Em várias sociedades, o sofrimento assume um valor ritual e, por isso, em diversos ritos de iniciação, a dor e o prazer se complementam. Às vezes, a transição entre os sentimentos é muito sutil, a linha limítrofe é quase imperceptível, a resistência à dor proporciona maior poder e força espiritual ao indivíduo (ROSSI, 2011). Biehn (2009) diz que a tensão parece ser o corolário das transformações que o novo corpo socializado merece. Como diz o velho ditado: “é necessário sofrer para ficar belo”.

Não me considero uma pessoa que se rende fácil à dor, acredito que seja capaz até mesmo de aprender a lidar com ela em muitas oportunidades da vida. A *body modification*, por vezes, possui como consequência a dor, mas não necessariamente. Não sei se a minha vontade de fazer a modificação suprimiu a dor por vezes, mas corriqueiramente ela se insere no contexto (Cristiane Agassis).

Lembrar que doeu e eu venci a dor, a realização fortalece os ideais (Junior Piercer).

Eu gosto do meu corpo, gosto de mudar ele porque eu acho divertido e a dor é irrelevante, se tu tá lá fazendo a tatuagem tu não pensa na dor, tu quer ver o resultado, gosto das minhas marcas, acho que vale a pena (Spyke).

Sempre que decido fazer alguma intervenção no meu corpo bate, sim, aquele certo medo ou frio na barriga, mas logo paro e lembro das dores das outras modificações ou até das dores de acidentes que já passei e isso me anima, pois se já passei por tantas outras e me saí bem sem choramingar, por que não faria alguma nova com medo da dor? Cada modificação é uma experiência diferente, autoconhecimento e superação; acho que essas duas palavras resumem muita coisa (Pandão Piercer).

Quanto à dor, podemos perceber a diferença entre as opiniões acima – exceto Cristiane, todos os outros são membros da comunidade de modificação corporal – e os discursos dos profissionais que relatam o temor de sentir dor expressado pelos clientes que nunca antes se modificaram ou dos favoráveis a modificações usuais.

Observei, quando estava no *Natural Tattoo*, a chegada de mãe com filho para colocar um *piercing* no nariz. Como o menino era menor de idade, a responsável precisou assinar uma autorização. Ele perguntou a Itamar: ”Cara, dói muito?” Itamar respondeu: “Não!”. Sem acreditar muito e assustado, ele perguntou de novo: “No nariz, não dói?” e Itamar voltou a responder: “Não dói nada!”. A mãe dele riu e me disse: “Mas esse guri encheu, encheu o saco pra por isso e agora tá aí com medinho!”. Os profissionais confirmam a importância desse sofrimento, é isso que marca o processo:

Alguns clientes têm problema com dor e pedem muito a [pomada] xilocaína, dizem que dói menos, mas é assim que a gente consegue provar que é psicológico, pois ela só faz efeito quando é passada sobre a pele aberta, então passar antes de colocar um *piercing*, por exemplo, não faz diferença alguma, a diferença se encontra, apenas, na cabeça do cliente, isso o acalma e faz acreditar que vai doer menos. A maioria das pessoas diz que tem que doer mesmo, que quem não quer

sentir dor é porque não merece ter tatuagem, acho que sou a favor dessa opinião, até porque tudo na vida a gente sofre pra depois ver o lado bom, se fosse fácil não teria graça afinal de contas (Bárbara Goerl).

A grande maioria chega com medo, não sabe se vai aguentar, geralmente pergunta sobre anestésicos ou coisas para relaxar. Pelo jeito, a dor não é tão bem vista pra maioria. Eu já acho que faz parte e modificações sem dor, não são para pessoas dignas disso (Camila Marun).

A dor tu esquece depois. É muito engraçado, eles entram aqui, apavorados sendo que vão sentir dor de segundos e, quando vão tirar um dente, vão rindo, sendo que é uma dor muito maior... é porque é muito mais aceitável. Que nem minha prima, ela veio aqui por um *piercing* e apagou, ela literalmente apagou! E foi botar silicone, fez lipo, espichou os olhos, tirou o pé de galinha, tudo numa tacada só e saiu caminhando, rindo e disse: 'Ai, eu tô adorando essa dor!'. Sabe, eu acho isso ridículo! É absurda a pergunta: 'Dói?' É óbvio que dói! Uma agulha vai te atravessar ao meio! (Itamar Soares).

As marcas estabelecem uma conexão indissolúvel com o corpo, transferindo essas sensações dolorosas para o mundo real e tangível. A dor é algo individual e que não pode ser apropriada – está fora do sistema de intercâmbio - exterioriza a verdadeira personalidade do sujeito e reconstrói a identidade integral do Eu. (ROSSI, 2011) A dor serve então também para demarcar quem é pertencente ao grupo.

3.4 EROTIZAÇÃO

Se de um lado há a presença da dor, há também outro fator que, em determinados contextos, aparece associado a esse universo: o erotismo. Muitos dos por mim questionados sobre a existência de ligação entre práticas de modificação corporal e erotismo afirmaram sentir mais atração por pessoas com modificações corporais.

Rossi (2011) conta que, ao longo da história ocidental, a dicotomia entre o Eu e o Outro marcou o rumo dos estudos sociológicos. O corpo, como construção cultural, logicamente se viu desestabilizado pela existência do Outro como ser exótico. O discurso do exótico coexiste como signo do diferente, aquilo que a primeira vista não coincide com o típico ou representativo. Na *body modification*, o fetiche e a exploração sensorial marcam incontestável presença no cotidiano (RAMOS E DOSSIN, 2008).

As interferências aplicadas à pele apresentam um resultado físico, ligado à estética e à funcionalidade, e um psicológico, ligado ao gozo, à satisfação proveniente da realização de ter superado seus limites e de estar de posse de um elemento que o distingue dos demais. Esta satisfação se dá em várias instâncias e está sempre relacionada com o olhar do outro (DOR, 1991 *apud* PIRES, 2003).

Segundo Fakir, a repressão sexual efetuada pela cultura não poderia ser superada apenas com uma atitude mental, mas seriam necessários certos rituais capazes de elevar a sexualidade a níveis inimagináveis nas sociedades modernas.

Assim, há uma íntima relação entre as modificações corporais, a sexualidade e os estados alterados de consciência (LIRIO, 2010).

Para Pires (2003), o surgimento e a propagação da AIDS colocou em pauta a morte e lançou, assim, uma nova preocupação com o corpo e com a saúde, surgindo uma “nova sexualidade”. Das formas dessa nova sexualidade, quatro se destacam: o sexo virtual; a maior divulgação das práticas sadomasoquistas – normalmente, essas práticas não incluem o contato genital entre os parceiros –; a moda fetichista – é crescente o número de roupas e acessórios utilizados nas práticas sadomasoquistas, adotados pela moda –; e as modificações corporais feitas nas zonas erógenas – que permitem ao indivíduo ter sensações prazerosas provocadas por movimentos corporais rotineiros.

Há, no ato de se apresentar com determinados tipos de adornos, a vontade, por parte do sujeito, de desestabilizar os indivíduos que não os possuem, de mostrar uma condição diferente de se expressar e de obter prazer. Prazer este obtido no momento da manipulação corporal e estendido a todas as práticas possibilitadas pela modificação, inclusive a de verificar a reação que sua imagem causa no outro (PIRES, 2003).

Resgatar o toque e ampliar a capacidade sensorial de ao menos dois dos sentidos, a visão e o tato, possibilitam ao indivíduo possuidor de adornos corporais, e aos que com ele se relacionam, destacar, valorizar e alterar a maneira de perceber e de sentir áreas de seu corpo (*ibid*, 2003).

Conforme Beatriz Ferreira Pires (2005), o *piercing*, dependendo da região do corpo onde é aplicado, chama-se estético ou funcional. Os funcionais, que têm o intuito exclusivamente sexual, são adquiridos por dois motivos distintos: o primeiro diz respeito à castidade - como forma de impossibilitar as relações sexuais; o segundo - que é o motivo pelo qual o *piercing* funcional é procurado atualmente - é o de intensificar o prazer do indivíduo que o possui e de seu parceiro, seja durante o ato sexual ou não. Nesse caso, vários são os tipos de perfurações e de combinações entre elas. Em algumas circunstâncias, onde a quantidade de adornos pode chegar a impedir que o indivíduo mantenha relação sexual, o prazer e o gozo chegam por outras vias, como a da estimulação constante e do exibicionismo.

Existe uma relação entre dor, prazer e *body modification*. *Piercing* genital coloca-se pra aumentar o prazer... 99% que põem no genital é pra aumentar o prazer, mas não aumenta 100%, né?... Aumenta um pouco. Na língua também, tem gente que coloca na língua intencionalmente, pra aumentar o prazer (Itamar Soares).

Com certeza algumas modificações são ligadas com o erotismo sim... Um exemplo são as bifurcações de língua, *piercings* e implantes genitais que estimulam de uma forma diferente na hora do sexo... Me atrai muito essa relação de erotismo e modificação (Karine Guimarães).

Pude perceber essa relação da *body modification* com a erotização através dos relatos dos meus entrevistados, pois todos os simpatizantes consultados acham que as modificações são um atrativo sexual e que as modificações são uma forma de se expressar e de se embelezar.

Muitos clientes têm os tais fetiches, de vários tipos... Escuto bastante a respeito, os *piercings* íntimos são os mais procurados quando se trata de busca pelo prazer, pois aumentam a sensibilidade de quem os têm e, inclusive, do parceiro (a) e, em alguns casos, dependendo do local onde são colocados, causam prazer em ambos. Eu acredito que as *body modifications* podem tornar as pessoas mais “*sexys*”, ou talvez apenas mais confiantes, fazendo as pessoas se soltarem mais. Mas, até os *piercings* convencionais, na minha opinião, uma argola na boca é *sexy*, mas posso garantir que, pelo que eu conheço, as *body modifications* mudam a personalidade de uma pessoa. Tatuagens provocativas, que aparecem apenas uma parte, enquanto o resto permanece escondido, deixando com aquela vontade e curiosidade, são bons exemplos (Bárbara Goerl).

Nesses casos, o corpo é um fetiche porque é coberto de símbolos, decorado para ficar “perfeito” e ser objeto de desejo. A pessoa que os porta se acha mais bela e por isso sente-se mais confiante. Segundo Rossi, o feito de marcar o corpo resume, em si mesmo, um acontecimento erótico.

É uma decoração para o corpo de alto agrado, sendo assim, causa curiosidades e fetiche em diversas pessoas (Jessyka Leão).

Com 25 anos fiz os *piercings* nos mamilos. Eu acho *sexy*, tem mais significado sexual na minha vida. Já as tatuagens, eu acredito que me passam a ideia de liberdade. Sempre me atraíram pessoas com este tipo de modificação, portanto, na busca de achar uma forma atraente, nas minhas concepções de atração, realizei as modificações (Cristine Agassis).

Podemos perceber que há modificações com o claro objetivo sexual, como o caso dos *piercings* genitais, a bifurcação da língua, etc., porém em outros casos em que essa intenção não foi buscada (como por exemplo as tatuagens do relato da Bárbara, que aparecem só uma parte e despertam a curiosidade alheia para ver o resto), de alguma forma, surge um fetiche sexual, uma vez que esses se “destacam” mais. Assim como alguns têm aversão às práticas e aos vendedores delas, outros sentem admiração e atração.

3.5 PROFISSIONALIZAÇÃO

Segundo Braz (2006), a profissionalização da tatuagem no Brasil ocorreu na década de 80, quando surgiram os primeiros estúdios. Até o início dos anos 70, as tatuagens seriam identificadas com situações de marginalidade. A partir da década de 90, o procedimento tornou-se higienizado. Houve uma busca de materiais que não provocassem alergia e, também, de medicamentos para cicatrização, como pomadas. Apesar de não haver

regulamentação da profissão, os estúdios começaram a atuar com alvarás e seus profissionais a se preocupar com a saúde.

Descobri que a maioria dos tatuadores e *body piercers*, mesmo os profissionais e todos funcionários dos estúdios, não possui carteira assinada. Um dos motivos é a profissão ainda não ser regulamentada. Portanto, em caso de eventuais problemas, eles não são cobertos pela Previdência e tampouco possuem seguros previdenciários.

Os tatuadores trabalham como prestadores de serviços, recebem seus pagamentos diariamente, conforme suas funções, sendo que grande percentual fica para o estabelecimento. Quando contatei Camila, para saber se seria possível visitar o estúdio em que ela trabalhava, me retornou informando que não atuava mais ali, uma vez que era mais vantajoso tatuar na própria casa. Ela tinha que repassar para o proprietário 50% do valor de cada tatuagem feita.

Outra questão que deixa clara a fragilidade institucional dos técnicos do ramo é a falta de sindicatos. Em todo o Brasil, apenas o estado de São Paulo tem a entidade de tatuadores. Como nos relata Itamar:

Tem um termo na Justiça que define o que eu sou... a minha profissão não é considerada profissão, tu não podes assinar carteira. É ridículo não se tornar profissão porque é um negócio que vem crescendo cada vez mais. O nome é “perfurador estético corporal”; é um nome estranho! Engraçado, na Justiça tá escrito assim, mas pra processar o cara tá tudo certinho. Se tu queres te legalizar, não pode. Não incentivam pra nada, só tem incentivo pra pagar o imposto do alvará de autônomo (Itamar Soares).

Uma das constantes na fala do entrevistado é a noção de que a *body modification* é uma área que exige o aprimoramento contínuo e crescente agregação de conhecimento de novas técnicas de trabalho. Notei que os profissionais exibem muitas modificações porque testam as técnicas em seus próprios corpos. Itamar me contou que precisava experimentar todas as modificações para explicar “como é” para os clientes que têm dúvidas. Camila relatou que tem “um monte de tatuagem feia nas coxas, porque era ali que treinava”.

Tanto as tatuagens como os *piercings*, muitos dos *piercings* e especialmente *surfaces* que eu tive, coloquei como forma de aprendizado mesmo, sendo minha própria cobaia para testar novas técnicas ou como o corpo reage a determinado material ou determinado furo em lugares nunca vistos por mim, e por outras pessoas, pois já cansei de ouvir “ah que lindo, nunca tinha visto esse *piercing*”; sempre gostei de achar algo diferente para ser exclusivo, surpreender, principalmente a mim mesma (Bárbara Goerl).

O perfil dos tatuadores e *body piercers* entrevistados é o mesmo: profissionais qualificados, todos fizeram cursos de tatuagem e/ou *piercing*, e preocupados com a higiene, a biossegurança, com procedimentos seguros que não os põem em risco nem os clientes. Os

estúdios deixaram de ser locais “clandestinos” e ficaram parecidos com clínicas médicas, dando muita atenção para a salubridade.

No *Portuga Tattoo*, a importância da assepsia apareceu muito na fala de Bárbara, a limpeza do local de trabalho foi bastante ressaltada. Contou-me que a autoclave era o melhor método para a esterilização de materiais e ferramenta de trabalho e, ainda, que esse aparelho era submetido a testes periódicos para a certificação do funcionamento.

Já Camila demonstrou uma grande preocupação com a utilização de materiais descartáveis, pois não possuía a autoclave para minimizar os possíveis riscos de infecção e transmissão de doenças sexualmente transmissíveis.

É uma profissão que é bastante saturada, porém são poucos que agem com responsabilidade com seus clientes e procuram evoluir sempre. Mas está em ascensão e, com o tempo, a tendência é o preconceito diminuir (Camila Marun).

Percebi, na casa de Camila, que ela trancou o ambiente para que o cachorro não tivesse acesso e, além de usar agulhas e luvas descartáveis, tomou o cuidado de por plásticos novos na máquina usada para tatuar. É uma situação provisória. A meta dela é juntar dinheiro tatuando em casa para depois abrir um estúdio próprio, evitando repassar o percentual de seus trabalhos para o dono de outro estabelecimento.

Impressionou-me a importância que Bárbara dava em ter conhecimento de anatomia, biossegurança e primeiros-socorros. Ela tem diploma de técnica de enfermagem e necessidade de um aperfeiçoamento continuado:

Conforme os anos foram se passando, fiz um técnico de enfermagem para ter algum diferencial e também aprender um pouco mais, até para os *piercings* extremos. Na época eu estava colocando vários *surfaces* e nem sempre eram muito bem aceitos pelo corpo, queria aprender a pôr implantes e fazer *scars* e queria aprender mais sobre a anatomia humana. Hoje em dia, já sou formada no técnico de enfermagem, acho que me fez muito bem, ainda coloco *piercings*, mas finalmente aprendi a tatuar, que eu sempre quis, mas as circunstâncias nunca me foram muito favoráveis (Bárbara Goerl).

Há uma percepção geral de que a profissionalização é algo que vem com o tempo. Nenhum profissional se aventura a técnicas mais *hard* sem ter, primeiramente, larga experiência em tatuagens ou *piercing* convencionais.

Piercing! Foi a [técnica] que eu comecei e a que eu exerço até hoje. Depois de muito tempo, comecei com escarificação e *branding*... menos nulificação, que é retirar uma parte do corpo fora, isso não fiz (Itamar Soares).

Testemunhei, seja por observação nos estúdios, na casa, ou ainda pelos relatos escritos no formulário do *Google Drive*, que os técnicos entrevistados se mostraram interessados no trabalho e nem um pouco estagnados. Todos procuram buscar novos conhecimentos, novas

técnicas, sempre participam das convenções organizadas sobre o tema e de *workshops* oferecidos por grandes estúdios.

4. PERCEPÇÕES DIFERENTES - ADEPTOS DE MODIFICAÇÕES USUAIS X ADEPTOS “EXTREMOS”

Nesse capítulo, mostro as distintas percepções para os dois grupos diferentes de seguidores. A intenção é comparar o que são técnicas extremas de modificações para quem opta por intervenções usuais e para quem é pertencente do movimento de modificações corporais. Nessa última parte, também busquei expor como essas duas classes de modificados lidam com o preconceito social.

4.1 SUPERANDO OS LIMITES: MODIFICAÇÕES “EXTREMAS”?

Qual é o limite entre o normal e o extremo? Para uns, extremo pode ser ter alguns *piercings* ou várias tatuagens; já para outros, pode ser o ilimitado. Autores descrevem como o ser humano entende seu próprio corpo através das relações limites do indivíduo com a sociedade. Até mesmo ações ditas “naturais” são moldadas pela sociedade, pois a criança aprende tais técnicas desde seu nascimento e é “socializada”.

Mauss (2003) chama de *habitus* algo adquirido, aprendido. Esse conceito foi desenvolvido a partir da releitura de outro termo: a *hexis*, de Aristóteles, que é um processo de aprendizagem de determinada característica de corpo e alma. Resignificada por Bourdieu, a *hexis* passou a denominar os *habitus* relacionados à corporalidade. (BONNEWITZ, 2003) Então, a *hexis* significa as práticas do corpo: a forma de andar, a postura, etc., Mauss afirma que a sociedade impõe isso através de um domínio consciente, já Bourdieu diz que esse domínio é inconsciente.

Le Breton (2011) indica que o corpo é o limite do individual. O sujeito lida com o seu próprio corpo, mas tem “uma parede” que divide o indivíduo da sociedade.

Ao pensar as marcas corporais como uma forma de transcendência, de ultrapassagem dos limites físicos, de fortalecimento do espírito e delineamento do caráter; de dar oportunidade ao psíquico expressar-se concretamente sobre o suporte ao qual está vinculado, de trazer à tona e vivenciar o inconsciente, de materializar o imaterial, como uma forma do indivíduo conectar-se ao universo, nos parece lógico

e pertinente que estas sejam feitas exatamente no órgão que delimita esses dois espaços: a pele (PIRES, 2003).

Nas sociedades tradicionais, é mais fácil de notar esse limite, pois os membros devem manter um padrão de conduta. Nas sociedades urbanas atuais, há esse adestramento desde o início da vida do indivíduo, mas o sujeito pode optar por outras formas de uso do seu próprio corpo, parece não haver mais o limite dado pelo corpo “natural”, a margem vai até onde a vontade do homem chega e a tecnologia se prontifica a atender a esse gosto. Os entrevistados apresentam um desejo de se expressar e de revelar ao mundo quem eles são e o que pensam e, principalmente, mostrar que são diferentes.

[As marcas] São a melhor forma de bricolar significados em seu corpo, sacrificando uma parte de si para poder continuar a existir. A ferida autoinfligida é oposição ao sofrimento, ela é um compromisso, uma tentativa de restauração do sentido. A conspiração íntima é menos existência contra a existência do que a seu favor, ela tenta traçar uma saída para finalmente permitir ser quem se é (Le Breton, 2010).

Como já foi dito, o significado de modificações “extremas” é distinto de pessoa para pessoa até dentro do próprio grupo de modificados considerados *hard*. As perguntas “Para você, quais as técnicas e procedimentos são considerados ‘extremos’? Por quê?” foram repetidas para dois grupos notavelmente diferentes: um formado por pessoas que têm modificações consideradas “usuais” como tatuagens e *piercings*, e outro do qual fazem parte indivíduos favoráveis também a essas duas práticas mas vão mais além e optam por modificações com intervenções cirúrgicas (implantes subcutâneos, bifurcação da língua, orelha pontuda, tatuagem nos olhos, etc.), ou seja, os considerados “extremos”.

Superar os limites corporais, também, é uma forma de experimentar um poder maior sobre seu corpo. No primeiro dia de observação do trabalho de campo, fui junto com dois amigos: Spyke, que já tinha me acompanhado no primeiro contato e que, agora, aproveitaria para agendar outra tatuagem; e uma colega da faculdade que queria colocar alargadores nos lóbulos das duas orelhas. A estudante escolheu as joias, cada uma com cinco milímetros de diâmetro. Preencheu o cadastro de clientes e, logo após, entrou na sala de procedimentos. Como era minha amiga, Itamar permitiu que eu visse a perfuração. Então, chegou Renato, conhecido do pessoal do estúdio, um rapaz de *dreads*, cheio de *piercings*, alargadores de madeira enormes e pregos tatuados em cada lado da testa. Ao ver o trabalho que Itamar fazia, se dirigiu à minha colega e disse: “Não faz isso, gurria! É viciante!”. Eu perguntei a ele o tamanho do alargador que usava e me respondeu: “Agora eu tô com 45 mm, mas eu me olho no espelho e acho que ainda tá pequenininho!”.

Outro caso parecido que presenciei foi o de um casal de namorados, cada um com muitas tatuagens e *piercings*. O rapaz, de apelido Vavá, queria aumentar para 34 mm os seus dois alargadores: o da orelha direita, que tinha 28 mm e o da esquerda, 30 mm. Para isso, foi necessário fazer um corte (com anestesia) na orelha, já que ultrapassava o tamanho do lóbulo. Laura, sua namorada, me contou que, quando o conheceu ele não tinha alargador; ela que pediu pra ele alargar. “Agora, ele já está com esse enorme, eu peço pra ele parar, mas ele nunca para!”. De dentro da sala de procedimentos, ele gritava que ela “não podia falar nada porque ela também tinha...”. Os dela eram menores, mediam 21 mm em cada orelha.

Através dos depoimentos, pude notar que os simpatizantes por modificações mais corriqueiras não têm necessidade de testar o corpo e superar os limites, mais que isso, em alguns comentários, demonstram até certa repulsa ao que é considerado extremo na concepção deles:

Não gosto das técnicas, mas respeito os adeptos... implantes mudam a forma do corpo, a suspensão é ridícula! Nunca participei, nem vou participar (William Mello).

Não gosto muito da parte de suspensão, da escarificação que é quando tiram um pedaço da pele da pessoa, fazendo assim um desenho e aquela de implantar próteses subcutâneas, que até a Lady Gaga fez uma vez, como se fossem chifres... (Clarissa Facco).

Esses relatos, dados por conhecidos que são fãs só de tatuagem (e *piercing*, no caso da moça), mostram a aversão desses às outras práticas. Segundo eles, o que tira a forma “normal” do corpo não é bonito. As profissionais, que também só ostentam esses dois tipos de intervenção - porém em maior número e estão inseridas e acostumadas com essa comunidade rodeada de membros do movimento de modificação corporal - têm o mesmo conceito de extremo, entretanto nos seus discursos parecem bem mais tolerantes do que os outros:

Extremo é ter excesso de *piercings*, alargadores muito grandes, língua bifurcada, implantes por baixo da pele, corpo todo tatuado... Apesar de apoiar muitas coisas, não acho tão saudável, mas quem sou eu pra julgar? Se a pessoa se sente bem assim, é no corpo dela, ninguém deveria se meter. Nunca participei de rituais de suspensão; não faria, pois acredito que você tem que ter certo conhecimento sobre seu corpo e seus limites e, no momento, digo que não tenho isso sobre mim (Camila Marun).

Extremas seriam as escarificações, os implantes, língua bifurcada, suspensão, as transformações extremas que fogem muito do convencional; têm os casos onde as pessoas mudam completamente suas aparências, virando homens lagartos, homens onça, *zombie boy*; existem diversos casos e, inclusive, alguns bem conhecidos. Eu, pessoalmente, não conheço nenhum adepto, já conheci quem teve implantes, alargadores no nariz, mas não é nada que vemos no dia a dia, apenas nas convenções de tatuagens. Também sou meio contra, respeito quem gosta e quem tem, acho interessante para estudar, mas de maneira nenhuma penso em fazê-las em mim. Quanto a suspensões, eu já pude assistir a três delas, fazer é um sonho que tenho desde que era bem mais nova. O que mais me impressiona é o fato de aquelas

pessoas, das quais leio seus relatos, realmente não sentem dor, mas sentem a sensação de estarem voando, a sensação plena de liberdade, claro que somente deve ser feito com um profissional experiente e com vários cuidados que devem ser seguidos rigorosamente. Quando feito da maneira correta, não causa danos, apenas as cicatrizes permanentes, que pra mim não é nenhum problema, pois afinal de contas, todas as *body modifications* são cicatrizes permanentes (Bárbara Goerl).

Nas respostas delas é comum também a necessidade da “preparação” física e psicológica para suspensão, mas não excluem a ideia de fazer um dia. É um sonho que Bárbara persegue e, quando tiver a ideia amadurecida, vai realizá-lo.

Parece que, quanto mais extrema for a modificação, mais alto é o limite superado; o desejo de ultrapassar barreiras como forma de afirmar e fortalecer o caráter é constante nas intervenções dos “primitivos modernos”. Para esse grupo, o significado de extremo já é outro e as modificações são feitas de forma contínua:

Eu não gosto de nulificação, acho um pouco ridículo. Cada um tem sua cabeça, mas eu não acho legal tirar três dedos da mão, não acho legal! As outras todas eu gosto. As que eu acho mais tri é escarificação e implante. Eu tenho escarificação na mão, no braço, nas costelas, nas costas, e dois riscos pequenos aqui no rosto, que eu ainda não terminei. Tem gente que considera suspensão extrema, mas eu não acho, é quase um *piercing*, eles botam um gancho na pele e tu fica ali pendurado, mas é que choca ver, né? Então, tudo assim como tirar parte do corpo, bifurcação no pênis, como eu tava te falando... colocar um alargador gigante na vagina, pesando, isso já é considerado extremo (Itamar Soares).

Como já foi dito, dentro do próprio grupo pertencente ao movimento de modificações corporais o conceito de extremo é diferente. Para Itamar, extremo parece ser apenas a nulificação, bifurcação de pênis e alargadores genitais de tamanhos muito exagerados. Já Kasha afirma que, pra ela, nada é extremo:

Eu não vejo nenhuma técnica extrema, já acompanhei praticamente todas elas e não vejo extremismo em nenhuma. Acho que cada um deve fazer o que gosta, se sente bem e feliz (Kasha).

Extremo é se parecer com bichos, nada contra, mas acho que, em primeiro lugar, não podemos esquecer nossa identidade (Junior Piercer).

Extremos são os que exigem intervenções cirúrgicas. Porque exigem mais técnica e têm resultados mais visíveis e significativos (Muse from Hell).

Junior tem uma definição parecida com a de Bárbara, que considera modificados extremos aqueles que modificam a aparência para ficarem parecidos com personagens ou animais. Já a Milze, que prefere usar o nome artístico Muse from Hell, dá o conceito aproximado com o utilizado para fazer esse trabalho, onde extremas seriam as técnicas que requerem intervenções cirúrgicas.

Analisando as entrevistas, constatei que as pessoas que já se suspenderam vêem essa modificação temporária como um ato de superação prazeroso e inexplicável. Segundo Abreu e Soares (2012), a suspensão corporal é o ato de elevar uma pessoa do chão, através de

ganchos de aço perfurados na pele, prática que teria surgido a partir de rituais de sociedades ágrafas. As autoras afirmam que, para os que adotam práticas extremas, a dor é algo constante e, ao se suspenderem, alguns justificam como algo transcendente das barreiras físicas e os eleva a um nível espiritual, uma experiência mais que corporal. Podemos confirmar o que as autoras dizem e ter uma visão mais clara sobre essa técnica após ler as declarações de quem já participou de uma sessão:

Particpei quatro vezes. Cada experiência foi única. Foram para marcar momentos de transição em minha vida (Muse from Hell).

Eu já fiz suspensão pelo joelho, fiquei trinta minutos suspenso pelo joelho. Eu achei que, quando fosse me suspender, eu ia morrer de dor, desmaiar, passar mal, vomitar, pensei um monte de coisa... Bah, fiquei apavorado! Mas não foi nada disso, só doeu na hora de colocar os ganchos, é a dor de colocar um *piercing*... Foram só dois ganchos, é que eles dividem, calculam o peso pra saber quantos ganchos colocar. A sensação foi de ficar chapado sem ter usado nada, é isso aí, fiquei chapado sem ter usado nada, no ar! Superei meus limites, eu tinha um limite que era suspensão, agora não falta mais nada! Ah, não, desculpa, o meu limite é a nulificação, nesse nível eu não vou chegar! (Itamar Soares).

Suspensão, na minha opinião, é a Modificação Corporal que mais altera o indivíduo, embora fisicamente ela não altere quase nada, além de algumas reações químicas na hora e uma sutil cicatriz.. Uma pequena marquinha, ela muda pra sempre uma pessoa, ninguém pode voltar a ser a mesma pessoa depois de ter sido suspenso uma única vez (...) Já participei várias vezes... É sempre uma experiência nova e diferente, já suspendi mais de 30 pessoas, algumas delas mais de 10 vezes, e toda vez é única, espetacular, empolgante e, principalmente, emocionante (Ralado Piercer).

Fui suspendida em agosto de 2013 pelo meu esposo Rafael Leão Dias. Foi uma das melhores experiências que eu passei na vida, significou pra mim que eu posso superar qualquer coisa (Jessyka Leão).

Particpei dos rituais de suspensão mais de uma vez. Pra mim, é uma das melhores sensações que já pude experimentar. Não é prazer em sentir dor como as pessoas pensam... Como sadomasoquistas, ou algo do tipo, mas sim pelo autoconhecimento e concentração e, por fim, a superação dos próprios limites. Pra mim, serve como uma mistura de terapia, relaxamento e esporte (Pandão Piercer).

Todos declaram que a suspensão é uma experiência de superação e autoconhecimento; é necessário estar pronto para poder elevar-se. Pires (2005) diz que, para além do medo e da dor, o que choca, o que incomoda ou fascina, na visão de corpos modificados, é a postura e a coragem de brincar, de experimentar, de vivenciar o inconsciente que os seguidores se permitem a todo tempo.

4.2 TABU: O OLHAR DOS MODIFICADOS SOBRE O PRECONCEITO QUE SOFREM

É por seu corpo que você é classificado e julgado. Segundo Le Breton (2003), nossa comunidade consagra o corpo como emblema de si. Por que as marcas corporais são

consideradas infames? A sociedade – as pessoas dentro do padrão – tem preconceito com qualquer tribo que não siga a “convenção”. O corpo fixado como norma é o branco, heterossexual e de classe média urbana, e somado a isso sem cicatrizes ou marcas. Quem se modifica vai contra o que é visto como “normal” e acaba gerando certa antipatia, sendo considerado estranho pela maioria.

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava (GOFFMAN, 1988).

No caso das modificações corporais, anunciam o caráter da pessoa que as exibem e para alguns essas marcas ainda significam uma moral negativa. Justamente o contrário do que os entusiastas tentam mostrar: coisas que consideram belas.

Estigma, então, é a relação entre atributo e estereótipo. (GOFFMAN, 1988) Abreu e Soares (2012) afirmam que a estranheza em relação ao diferente não vem de hoje: Pero Vaz de Caminha, após o descobrimento, relata, em sua primeira carta enviada ao rei de Portugal, os costumes culturais dos índios que tinham aspectos estéticos desconhecidos na Europa.

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso (GOFFMAN, 1988).

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social (*ibid*, 1988).

Os simpatizantes da *body modification* usam praticamente as mesmas técnicas (de forma adaptada) das tribos que habitavam o continente anteriormente e também são vistos com pouca aceitação. A seguir, vemos o depoimento com a opinião de uma das minhas interlocutoras:

Mesmo nos dias de hoje, as pessoas sofrem preconceito. Acredito que nada mais é que uma opção, é colocar a sua personalidade para o lado de fora ou aceitar o que vem de dentro, é colocar a arte dentro e fora da pele. É se expressar, porém nem todos aceitam isso... Não se deve olhar para as pessoas que fazem *body modification* com estranheza ou julgamentos, pois você nunca sabe o que se passa por baixo de todas essas mudanças (Camila Marun).

É notável que os adeptos são vítimas do discurso social estigmatizante. Modificações, para a maioria das pessoas, remetem a uma figura errônea de marginalidade, primitivismo, de quem usa drogas e a um comportamento agressivo.

Ao cortar a pele, o indivíduo rompe com a sacralidade social do corpo. A pele é um recinto impenetrável, e o contrário causa horror. Da mesma forma, é impensável que alguém se fira, em plena consciência, sem que se evoque a loucura, masoquismo ou perversidade. O derramamento de sangue é uma outra proibição transgredida, já que, para numerosos de nossos contemporâneos, sua simples visão provoca desmaios ou terror. E, todavia, temos aqui indivíduos que deliberadamente fazem correr o sangue. Mais além, o corte é um jogo simbólico com a morte naquilo que imita o suicídio, jogando com a dor, com o sangue, com a mutilação (LE BRETON, 2010).

A noção de preconceito contra os tatuados ou a tatuagem se insere, desta forma, como um discurso que encobre sua estrutura. Se Lombroso (1991) contribuiu para a associação entre tatuagem e marginalidade, esta associação não reside na natureza da tatuagem, em alguma essência desviante dela ou do tatuado. Esta associação encobre um elemento anterior, que é a resistência de certos sujeitos ao controle sobre seus corpos. Este preconceito associa a ideia de tatuagem como elemento do exotismo selvagem e a ideia da tatuagem como elemento de marginalidade (OSORIO, 2006).

As marcas corporais costumam ser percebidas como estigmas, o preconceito associa à ideia das modificações como elementos do exotismo selvagem e da delinquência. Essa visão da sociedade incomoda, com razão, alguns dos modificados como é possível perceber nos seguintes discursos:

Sofri preconceito várias vezes, até passeando com meu filho ouvi algumas pessoas dizendo: ai que tipo de mãe ela deve ser! [...] As pessoas dizem que somos adeptas a seitas do diabo e coisas piores, o ser humano tem o péssimo hábito de julgar e criticar o que não entende ou não faz parte (Kasha).

Sofri inúmeros preconceitos e ainda sofro. Existe uma linha padrão e qualquer desvio, é excludente (T-Angel).

Assim, lidar com esse tabu é uma tarefa diária para os que exibem muitas modificações. Em qualquer lugar, são vítimas de olhares julgadores e alguns até se atrevem a pronunciar seu ódio verbalmente, cabe a eles apenas ignorar. Observa-se isso no seguinte trecho:

Sofro preconceito quase sempre, mas nem ligo, pois estou sempre feliz com as minhas modificações e sempre soube que teria que conviver e aturar o preconceito alheio (Pandão Piercer).

Em outros relatos, a indignação com a intolerância é gritante e impossível de ser ignorada. Itamar me falou, mais de uma vez, que não entende porque as *body modification* são discriminadas, enquanto as estéticas são aceitas:

Eu sofro preconceito na rua todo dia! Infelizmente, todo dia! As pessoas ainda têm muito tabu com isso...*Body modification* é uma modificação corporal, não interessa o quê. Corte de cabelo, corte de unha, tu tá mexendo no teu corpo... Mas existem as modificações aceitáveis e as não aceitáveis, o meu trabalho não é aceitável, porque não tá na mídia... Todo mundo tá sujeito a modificações, mas têm coisas que tão na mídia, que é o silicone, a bunda grande, a lipo, o botox... Todos acham maravilhoso, e cobram horrores de dinheiro. O que eu faço eles acham horrível; não é horrível, só não é da cultura deles. As que eu faço têm um significado, o que silicone marca? Não tem história nenhuma! (Itamar Soares).

A maioria dos interlocutores relatou sofrer preconceito, mas não é só nas manifestações dos entrevistados que aparece a discriminação. Trabalhos sobre o assunto como o de Mirela Berger traz à tona um exemplo de preconceito com pessoas tatuadas:

Na nossa sociedade, a tatuagem é um dos principais indicadores de alguns grupos sociais e é altamente refutada e mal vista por outros grupos no interior dessa mesma sociedade. Só para citar um exemplo, quando uma pessoa resolve doar sangue em qualquer hospital ou banco de sangue, tem primeiro que responder um extenso questionário que mapeia, além de doenças que possam ser transmitidas pelo sangue, padrões de comportamento que possam indicar pertencimento a grupos considerados de risco pela sociedade mais ampla. Pergunta-se, entre outras coisas, se a pessoa porta alguma tatuagem. Se a resposta for positiva, as perguntas seguintes abordam se a pessoa já manteve relacionamentos sexuais-afetivos com pessoas que tenham tido passagem pela polícia, com homossexuais, ou se tem AIDS [...] (BERGER, 2007).

O preconceito com quem intervém no próprio corpo acontece de várias formas e em vários locais como na rua, nos ônibus, mas principalmente no mercado de trabalho. É raro ver pessoas que possuam modificações simples como tatuagens e *piercings* trabalhando em ambientes públicos com grande movimento (como bancos, lojas, supermercados). Se esses já são vistos com descrédito pelos empregadores, o que dizer dos modificados “extremos”? As pessoas que se modificam demais ficam distantes do corpo tido como “norma” e acabam discriminados pela sociedade.

[...] sinais disseminados da aparência que facilmente podem-se converter em índices dispostos para orientar o olhar do outro para ser classificado, sem que a pessoa queira, sob determinada etiqueta moral ou social. Na medida em que pode ser apreciada por testemunhas, essa prática da aparência, se transforma em um desafio social, em um meio deliberado de difundir uma informação sobre si mesmo [tradução minha] (LE BRETON, 2011).⁷

O mundo do trabalho é hostil às modificações. Assim, quem é simpatizante dessas práticas sente-se alvo de algumas restrições. A alternativa é optar por intervir apenas em áreas do corpo que são menos expostas. Nas modificações, há um conflito: o desejo de fazê-las e a necessidade de mantê-las escondidas no ambiente profissional.

É no mundo do trabalho que se deve sempre esconder as tatuagens. Logo, o local escolhido para as mesmas deve permitir que, nestes ambientes, elas sejam ocultadas, enquanto em outros elas possam ser reveladas. O mundo do trabalho é visto como lócus de controle sobre os sujeitos e seus corpos. Possuindo tal qualidade, é um universo onde a expressão do Eu só é possível de forma limitada. Neste campo, o sujeito deve esconder sinais que indiquem que ele não é o que se espera que seja (OSÓRIO, 2006).

⁷ “[...]signos disseminados de la apariencia que fácilmente pueden convertirse en índices dispuestos para orientar la mirada del otro o para ser classificado, sin que uno quiera, bajo determinada etiqueta moral o social. En la medida en que puede ser apreciada por testigos, esta práctica de la apariencia, se transforma en un desafío social, en un médio deliberado de difundir una información sobre uno mismo” (LE BRETON, 2011)

A dificuldade de conseguir empregos em certas áreas também foi notada nas respostas das entrevistas. Nos seguintes trechos, percebe-se a preocupação dos modificados no acesso a certas profissões:

Tenho mais de 30 tatuagens e seis *piercings*, só tenho um *surface* do lado da orelha de “não convencional”, e as tatuagens se concentram, em sua maioria nas pernas, pois como fiz o técnico de enfermagem não podia ter nada nos braços e mãos e, também, pelo meio onde eu vivo, sempre pensei em ser fácil de tapar sem muito esforço, só colocar uma calça e posso voltar a ser normal de novo (Bárbara Goerl).

A sociedade, hoje em dia, praticamente obriga as pessoas a seguir um padrão estético e social, se você está fora dele já é alvo de julgamento tornando, assim, mais difíceis os acessos a alguns tipos de cursos e profissões, por exemplo (Pandão Piercer).

A grande maioria das profissões pede discrição no visual. Um fato corriqueiro na vida do sujeito que tem modificações visíveis, independentemente de sua formação e do seu preparo para exercer determinadas atividades, é o de não conseguir emprego, salvo no meio artístico. Netto, que estudou a prática da tatuagem e a forma como os sujeitos percebem o seu próprio corpo no seu artigo “O pesquisador-objeto: entre subjetividade, estigma e tatuagens”, afirma:

Um tatuador entrevistado por mim afirmou que jamais poderia ser julgado por um juiz tatuado, pois ele não lhe transmitia confiança necessária e, aos olhos desse tatuador, não poderia exercer plenamente sua função, pois estaria marcado pelo estereótipo da marginalidade que a tatuagem comporta. Há em relação a este preconceito uma espécie de paradoxo, pois pessoas que lidam com ele em seu cotidiano, apesar de sofrerem o mesmo estigma, o reforçam e aplicam a outras pessoas (NETTO, 2012).

Parece, assim, que o indivíduo que se permite tais transformações não pode ser “levado a sério”. Isso demonstra, como afirma o autor, que o preconceito pode estar presente até mesmo entre aqueles que fazem parte do grupo. Segundo ele, apesar dessas pessoas sofrerem esse estigma, o impregam também a outras pessoas.

A discriminação no mercado de trabalho tem mais a ver com a opinião de quem contrata do que propriamente com o ambiente; já que a aparência não influencia no ritmo da atividade do empregado, o preconceito é basicamente pessoal. Mesmo tendo um ótimo currículo é improvável que uma pessoa muito modificada consiga vaga em uma empresa conservadora. Assim como Itamar, Junior também não aceita a receptividade das modificações estéticas enquanto as dele são recriminadas:

O corpo já está em constante mudanças, seja num corte de unha, fazer a barba, cortar cabelos. Nos tempos de hoje, cirurgias plásticas como *botox*, silicone nos seios são formas de interferir no corpo e causar mudança, isso é uma modificação! Por que uma siliconada pode ser uma gerente de um banco e eu com os olhos pretos (refere-se ao *eyeball tattoo* – tatuagem nos olhos) e tatuado não? (Junior Piercer).

Ter tatuagem nos olhos, além de ser vista como extrema, não é uma modificação muito comum mesmo dentro do grupo considerado *hard*. Para esses, conseguir emprego é bastante difícil. Os fanáticos por alterações mais extremas que conheci são profissionais da própria área de modificações corporais, onde obviamente são aceitos ou trabalham no meio artístico (fotógrafos, *bartenders*, *designers*).

Alguns dos entrevistados parecem não notar o preconceito porque frequentam lugares onde a maioria das pessoas também é modificada, já que todos possuem interesses em comum. Nota-se isso no relato de Junior:

Às vezes a sociedade me olha, e eu digo, tá olhando o quê? Esqueço que sou diferente deles, dou risada e peço desculpas por minha ignorância (Junior Piercer).

Mesmo com a profissionalização dos estúdios, a cobrança da vigilância sanitária, a popularização da profissão de tatuador, *body piercer* e modificador, ainda os adeptos são vítimas de preconceito e são associados à marginalidade. Alguns desses modificados extremos (os entrevistados por mim) estão tão acostumados e satisfeitos que parecem ter desenvolvido uma capacidade de simplesmente não pensarem que há algo que chame a atenção em seus corpos. Assim, não notam atos preconceituosos quando ocorrem. Segundo Abreu e Soares (2012), muitas vezes, os modificados não percebem o preconceito e se acham “comuns” porque costumam frequentar locais com grande número de pessoas também modificadas, como shows, exposições de arte, etc. Essa desatenção fica clara na fala do Ralado Piercer:

Se sofri nem notei, porque não dou muita importância pras outras pessoas que me vêem na rua ou sei lá... Não me vejo como vítima de preconceito, me vejo como igual a todos os outros, então, de certa forma, não chega a me atingir ou abalar... Se já sofri, nem lembro ou nem notei.. (Ralado Piercer).

O fato é que, na maioria das vezes, o modificado não dá tanta importância a esses olhares nada aprovadores. Ele sabe que essa escolha pode trazer problemas e, por essa razão, acaba se acostumando com as consequências e a divisão de opiniões (ABREU E SOARES, 2012).

Definitivamente, diz Rossi (2011), as marcas corporais expressam clara exclusão social. A sociedade exerce pressão de diversas formas para que as pessoas mantenham seus corpos dentro de um padrão.

As declarações dos entrevistados sobre a discriminação e a necessidade de esconder as marcas em determinados contextos foram frequentes. Quem se diferencia demais, como ocorre com os entusiastas das modificações corporais mais extremas, sofre preconceitos diariamente. A valorizada “liberdade de expressão” parece ocupar lugar só nos discursos, já que as pessoas “diferentes” são excluídas e encontram dificuldade para conseguir emprego fora do próprio meio da *body modification*.

O fato de a pessoa ser modificada ainda é visto com desdém, algo fora dos padrões impostos por muitas instituições. Segundo Becker (2008): “a concepção mais simples de desvio é essencialmente estatística, definindo como desviante tudo que varia excessivamente com relação à média”, não é algo individual, é a sociedade que julga sua conduta como desviante.

Ele [o desvio] é criado pela sociedade [...] grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como *outsider*. Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um ‘infrator’. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal (*ibid*, 2008).

Essa relação entre o corpo e cultura esteve sempre presente e em via dupla. Como já foi visto, no primeiro capítulo, a forma que cada um influencia, reflete e espelha no outro depende das normas da sociedade a qual pertencem. (PIRES, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal colher o discurso do “modificado” e sua percepção sobre diversos aspectos ligados ao tema, dando ênfase para o limite de modificações aceitável pela sociedade e a percepção de discriminação. Durante a pesquisa, constatou-se que as marcas corporais acompanham o homem, desde os primórdios, conforme o círculo social em que ele está inserido. Através dessas marcações é possível reconhecer particularidades de culturas e também traços subjetivos individuais.

As modificações marcam a dominação do homem sobre seu corpo, que graças ao progresso da ciência torna-se flexível e sujeito à vontade do indivíduo. Devido a esses avanços tecnológicos, ele passa a representar uma mistura do “natural” e do adquirido. O sujeito seria o criador e, pensando dessa forma, tudo o que ele produz é compartilhado com sua comunidade. Neste contexto social, os indivíduos concebem e partilham seus valores e representações entre si.

No meu dia a dia no campo, pude perceber que buscam se modificar uma maioria de mulheres jovens. Os profissionais que fazem os procedimentos me confirmaram que elas buscam, de fato, interferir no corpo de forma mais constante que os rapazes.

Interpretando as entrevistas que fiz, encontrei três principais motivos que levaram os sujeitos a modificar seus corpos: a vontade de se diferenciar, deixar o corpo mais bonito e construir uma identidade. Para a pergunta “Qual o significado de seu corpo para você?” os retornos dados, majoritariamente, foram: “uma tela”, “um álbum de figurinhas” e “meu cartão de visitas”. As respostas eram bastante subjetivas sobre o que desejavam simbolizar. O contexto, o ambiente, a época, o nível cultural, as influências, modismos, ideologias, crença e espírito despojado são algumas das justificativas que podem dar vazão ao processo. Não há uma forma definida que explique o desejo e sua efetivação na realização das modificações, um evento a princípio antinatural, biologicamente falando. Creio eu que o dono do corpo, independente de sua motivação, é quem sabe o que deve fazer com ele. O indivíduo adulto é o patrão do seu próprio corpo, portanto, só ele decide.

A maioria dos entrevistados também declarou que as alterações têm uma relação com a erotização. Mesmo as marcas que não têm o prazer como objetivo, acabam despertando fetiche para as pessoas que as olham, pois, segundo os relatos, tornam as pessoas mais *sexys* e atraentes. Nenhum depoimento ligou a *body modification* ao masoquismo. Grande parte

definiu a dor das modificações como suportável e compreendida como parte do procedimento. É notável, na fala dos técnicos, a importância de passar por essa prova, ou seja, aguentar o sofrimento é um ato de coragem e só quem enfrenta isso é “digno” de ser modificado.

Ao longo das observações de campo e das respostas às entrevistas realizadas com profissionais e adeptos das modificações corporais, notei que as práticas da tatuagem e do *piercing*, atualmente, são consideradas comuns e bastante aceitas (se não forem exageradas ou em grande número), até porque são bem divulgadas na mídia.

Os seguidores de modificações comuns como a tatuagem e o *piercing* consideram extremas todas as outras formas e que “passam das medidas”; já os aficionados pelos métodos mais *hard*, desafiam muito mais seu corpo. Transcender e superar gradativamente seus limites são seus objetivos.

Existe uma diferença entre o discurso dos dois grupos de modificados quanto ao contexto social: todos entrevistados buscam legitimidade e criticam o preconceito, mas a maioria dos simpatizantes das modificações mais “corriqueiras” demonstrou repúdio às consideradas extremas, como algo que foge ao “natural” e buscam fazer alterações no corpo em lugares em que possam “esconder”. Porém, as profissionais entrevistadas, que também só possuem marcas usuais, têm uma margem bem maior de tolerância. Grande parte dos praticantes de modificações *hard* relata que sofre preconceito diariamente nas ruas e que tem dificuldade de conseguir emprego fora de ambientes da própria comunidade de modificações corporais ou de espaços mais alternativos. Outros, por andarem nos círculos frequentados pelo grupo, declararam nem notar a discriminação, o que aponta para a agência da inserção em determinados grupos sociais na conformação de uma identidade específica, partilhada.

Não vejo muita diferença entre pessoas que procuram modificações de aparência fora dos padrões normais da sociedade e as que não conseguem encarar o próprio corpo, não aprovam o seu peso e tomam medidas drásticas para aceitá-lo; não admitem o natural envelhecimento e optam por cirurgias como plástica, lipoaspiração ou implantação de silicone nos seios e nas nádegas.

É necessário refletir o porquê dessas cirurgias, que podem ser muito mais dolorosas e invasivas do que as práticas da *body modification*, serem bem aceitas na sociedade; enquanto que os procedimentos da segunda são reprovados. É preciso que se pense melhor nas relações com o corpo e o que o agride ou não, visto que a “violência” com o corpo só é percebida quando o resultado é considerado “feio” pela coletividade.

Para mim, a *body modification* é um espelho de uma cultura que predominou no passado e hoje retorna com força total, uma mistura entre o primitivo e o moderno. Aos

poucos, ela vem deixando de ser tabu para se tornar item de beleza que desperta a curiosidade de novos fãs. Esse processo de aceitação da sociedade, se livre dos preconceitos que a cercam, pode legitimar esse movimento - que tende a continuar e a crescer, no compasso do surgimento de novas tecnologias - fazendo com que um maior número de pessoas opte por reinventar seus corpos, se liberte e se sinta dono de si.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Nathalia; SOARES, Priscila. **Corpo ao Extremo: a nova face de uma cultura modificada**. Jundiaí, SP: Editora In House, 2012.
- ARAÚJO, Leusa. **Tatuagem, Piercing e Outras Mensagens do Corpo**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- BECKER, Howard. **Outsider: Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BERGER, Mirela. **Tatuagem: A Memória na Pele**. Ponta da Fruta: Universidade Federal do Espírito Santo: Maio, 2007.
- BIEHN, Michel. **Cruel Coquetería**. Traducción de Francisco López Martín. Barcelona: Océano, 2009.
- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras Lições Sobre a Sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BRAZ, Camilo Albuquerque. **Além da Pele: um olhar antropológico sobre a *body modification* em São Paulo**. Campinas, SP : [s. n.], 2006.
- CLASTRES, Pierre. **Da Tortura nas Sociedades primitivas**. In: *A Sociedade Contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, p. 123-131.
- COSTA, Zeila. **Do Porão ao Estúdio: Trajetórias e práticas de tatuadores e transformações no universo da tatuagem**, 2004
- CSORDAS, Thomas J. **Corpo/Significado/Cura**. Rio Grande do Sul: Ed. UFRGS, 2008.
- DOSSIN, Francielly Rocha Dossin e RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Corporalidades no Urbano Contemporâneo: A Body Modification e os Modern Primitives**. - IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil, 2008.
- DOUGLAS, Mary. **Los dos Cuerpos**. In: *Símbolos naturales. Exploraciones en cosmología*. Madrid: Alianza, 1978.
- EDMONDS, Alexander. **No universo da beleza: Notas de campo sobre a cirurgia plástica no Rio de Janeiro**. In: GOLDENBERG, Mirian [org.]. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GIL, Antonio Carlos. **A entrevista**. In: *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1994.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GOLDENBERG, Mirian. **Apresentação**. In: GOLDENBERG, Mirian [org.]. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GOLDENBERG, Mirian e RAMOS, Marcelo Silva. **A civilização das formas: o corpo como valor**. In: GOLDENBERG, Mirian [org.]. *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2007.
- HERTZ, R. **A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa**. *Religião e Sociedade*, n.6., 1980, p. 99-128.

- IRIART, Jorge Alberto Bernstein; CHAVES, José Carlos; ORLEANS, Roberto Ghignone de. **Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação.** In: *Cad. Saúde Pública* [online] v.25, n.4, 2009. p. 773-782.
- KEMP, Kênia. **Corpo modificado: corpo livre?** São Paulo: Paulus, 2005.
- LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia.* São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LE BRETON, David. **La Sociología del Cuerpo.** Buenos Aires: Nueva Visión, 2011.
- LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade.** Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- LE BRETON, David. **Escarificações na Adolescência: Uma Abordagem Antropológica.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010
- LEITÃO, Débora Krischke. **O corpo ilustrado: um estudo antropológico sobre usos e significados da tatuagem contemporânea.** Porto Alegre: UFRGS, 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- LEITÃO, Débora Krischke. **À flor da pele: estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos.** Porto Alegre: UFRGS, 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.
- LEITÃO, Débora Krischke. **À flor da pele : Os significados simbólicos da tatuagem em um grupo urbano de Porto Alegre** [recurso eletrônico]. In: Salão de Iniciação Científica (12.: 2000: Porto Alegre). Livro de resumos. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- LIRIO, Daniel Rodrigues. **Suspensão corporal Novas facetas da alteridade na cultura contemporânea.** São Paulo: Annablume, 2010.
- LOECK, Leonardo. **O Significado do Corpo para Pessoas Adeptas das Modificações Corporais Extremas.** UFRGS, 2010.
- MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo.** In:_. *Sociologia e Antropologia.* São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 399-422.
- NETTO, Helio Figueiredo da Serra. **O pesquisador-objeto: entre subjetividade, estigma e tatuagens.** In_. MAUÉS, Raymundo Heraldo e MACIEL, Maria Eunice (organizadores). *Diálogos Antropológicos: Diversidades, Patrimônios, Memórias.* Belém: L&A, 2012.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O Trabalho do Antropólogo.** Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp 1998.
- OSÓRIO, Andrea. (UFRN) **Quando as aparências não enganam: tatuagens e a lógica de gênero.** In_: Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008.
- OSÓRIO, Andrea. **O gênero da tatuagem: Continuidades e novos usos relativos à prática na cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- PIRES, Beatriz Ferreira. **Corpo inciso, vazado, transmutado: inscrições e temporalidades.** São Paulo: Annablume, 2009.
- PIRES, Beatriz Ferreira. **O Corpo como suporte da arte.** Revista Latinoamericana Psicopat. Fund., VI, 1, 76-85, 2003.
- PIRES, Beatriz Ferreira. **O Corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem.** São Paulo: SENAC,2005;

- POCHMANN, Aline Elisa. **Tatuagem : a memória visível**. UFRGS, 2005;
- RIBEIRO, Márcia Regina. **Primitivos modernos. A modificação corporal e o retorno do corpo animal: entregarás teu corpo/animal em sacrifício ao grande outro**. 2007;
- RODRIGUES, Apoenan. **Tatuagem: Dor, Prazer, Moda e muita Vaidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2008.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé: 1979.
- ROSSI, Sandra Martínez. **La Piel como Superfície Simbólica. Procesos de Transculturación en el Arte Contemporáneo**. Madrid: FCE, 2011.
- VICTORA, Ceres Gomes, KNAUTH, Daniela Riva, HASSEN, Maria de Nazareth. **Pesquisa Qualitativa em Saúde: Uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.
- VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In_: NUNES, Edson de Oliveira (org.) *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- WENTZEL, Marlene. **Ser Herida y Cutillo: Reflexiones sobre la Modificación Corporal Extrema de las Modern Primitives**. In_: CITRO, Silvia (coord.). *Cuerpos Plurales. Antropología de y desde los Cuerpos*. Buenos Aires: Biblos, 2010, p. 229-316.
- SEGALEN, Martine. **Ritos y rituales contemporáneos**. Madrid: Alianza Editorial, 2005.
- SILVA, Sara Panamby Rosa da. **Corpo Limite: uma análise dos corpos modificados**. 2009. 64f. 2009 (Bacharel em Performance) – Curso de Comunicação Das Artes do Corpo, PUC-SP, São Paulo, 2009.
- TURNER, Victor. “Liminaridade e ‘*communitas*’ – modelo e proceso”. In:_. **O Processo Ritual**. Petrópolis, Vozes, 1974, p. 116-159.
- Documento eletrônico disponível em: <http://mundofox.com.br/br/videos/tabu-america-latina/corpos-modificados/88184146001/>. Acessado 04 de maio de 2013.
- Documento eletrônico disponível em: <http://www.bme.com/>; Acessado 04 de maio de 2013.
- Documento eletrônico disponível em: <http://www.stevewhworth.com/wordpress/>, Acessado 12 de junho de 2013.
- Documento eletrônico disponível em: <http://whiplash.net/materias/especial/000117.html>, Acessado 12 de junho de 2013.
- Documento eletrônico disponível em: <http://www.portaltattoo.com/tatuagem/historia/>, Acessado 14 de junho de 2013.
- Documento eletrônico disponível em: <http://www.notiun.com/2007/11/histria-do-piercing.html> ,Acessado 15 de junho de 2013.
- Documento eletrônico disponível em: <http://www.pipocadebits.com/2009/01/as-modificaes-corporais-mais-bizarras.html> ; Acessado 16 de junho de 2013.

Documento eletrônico disponível em: <http://www.magmablog.com/2010/03/nulificacao-parte-mais-extrema-e.html>; Acessado 16 de junho de 2013.

Documento eletrônico disponível em: <http://www.dinoblog.com.br/2010/04/04/top-10-body-modification-extremo/>, Acessado 16 de junho de 2013.

Documento eletrônico disponível em: <http://www.artenocorpo.com/206/a-modificacao-corporal-com-espartilho-corseting>, Acessado 22/08/2014 as 23:43

ANEXOS

ANEXO A - Roteiro de Entrevista

1 – Consentimento

- Como você gostaria de ser identificado nessa pesquisa? Posso usar seu nome verdadeiro?

2 – Apresentação

- Onde e quando nasceu?
- Qual a sua formação escolar e profissional?

3 – As modificações corporais

- O que pensa a respeito da *body modification*? O que ela é ou significa para você?
- Como foram suas primeiras experiências com a modificação do corpo?
- Por que e desde quando demonstrou interesse por essas práticas?
- Como foi sua inserção nesse universo?
- Quais técnicas mais agradam? De quais não gosta? Por quê?

4 – Seu corpo

- Qual o significado de seu corpo para você?
- Quantas e quais modificações corporais possui?
- Qual o significado delas para você (pelo menos as mais significativas)?
- Para você, qual a relação entre corpo e *body modification*?

5 – A Dor

- O que você pensa sobre a dor?
- Existe alguma relação entre a dor e a *body modification*? Como a dor se insere nesse contexto?
- Como a dor se relaciona com suas próprias marcas? Como entrou no processo, se entrou?

6 – A *Extreme Body Modification*

- O que pensa da *extreme body modification* e de seus adeptos?
- Para você, quais as técnicas e procedimentos que podem ser chamados de “extremos”? Por quê?

- Com relação aos rituais de suspensão: já participou de algum deles? Se sim, como foi essa experiência e qual significado teve para você?

7 – Erotismo

- Você acha que existe alguma relação entre a *Body Modification* e o erotismo? Se sim, o que pensa dessa relação?

- Em quais práticas se daria essa relação?

8 – Satisfação

- Você está satisfeito com as modificações que já fez?

- Pretende continuar a fazer modificações corporais?

- De alguma coisa se arrepende?

9 – Preconceito

-Você acredita que há preconceito com os que são adeptos das modificações?

- Você já sofreu preconceito por ter modificações corporais?

- Como suas modificações são vistas no seu ambiente de trabalho?

10 – Considerações Finais

- Há algo mais que você queira falar?

ANEXO B – FOTOGRAFIAS

Figura 1 - Mão de Múmia tatuada



Figura 2 - Lucky: o precursor da Tatuagem no Brasil



Figura 3 - Escarificação em mulheres nigerianas



Figura 4 - Escarificação cicatrizada / recém feita



Figura 5 - O cubano Luis Antonio Agüero Torregosa, tem 300 *piercings* no rosto

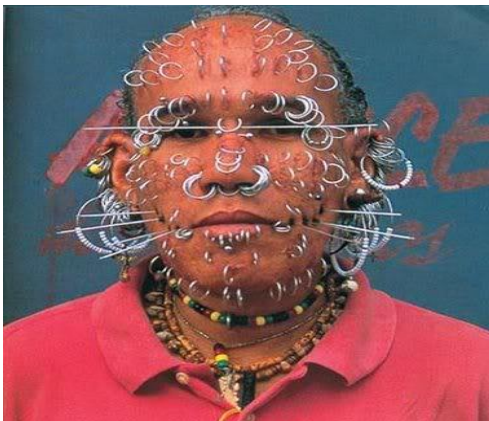


Figura 6 – Disco alargador de lábio em mulher africana



Figura 7 - Surfaces

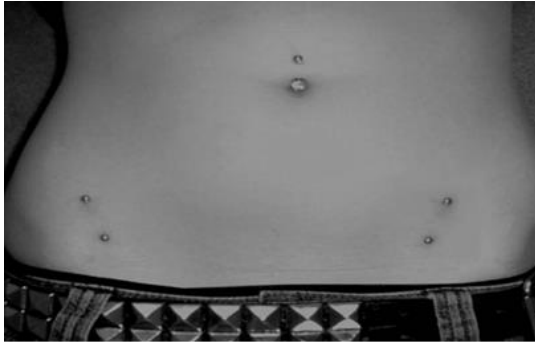


Figura 8 - Transdermais



Figura 9 - Pocketing piercing



Figura 10 - Joel Migler tem alargadores em várias partes do rosto



Figura 11 - Implantes subcutâneos



Figura 12 - Branding



Figura 13 - Tong Split

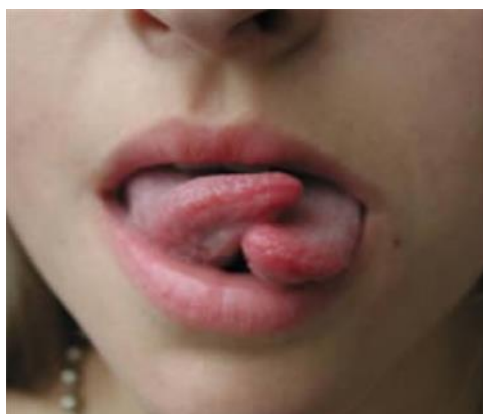


Figura 14 - Ear point



Figura 15 - Corseting: Fakir Musafar, em 1959, com 47 cm de cintura



Figura 17 - Ganchos para suspensão



Figura 19 - Pulling



Figura 21 - Eyeball tattoo

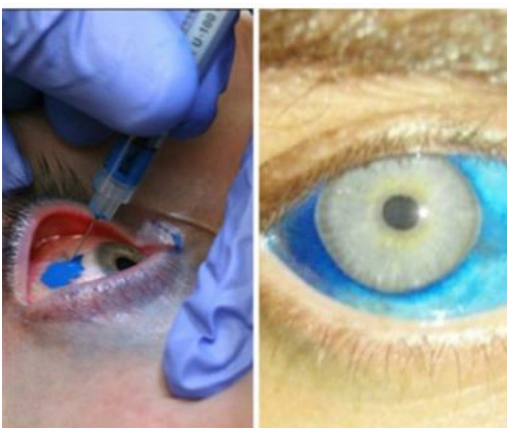


Figura 16 - Resurrection suspension



Figura 18 - Suicide suspension



Figura 20 - Implantes genitais de PTFE e silicone



Figura 22 - Nulificação: Gillian Hyde e Clive Mathias preferiram trocar falanges ao invés de alianças



Figura 23 - Bruna Gre Marques, Gaby Peralta e Clara Gómez no 3º EXPO TATTOO RS 2013



Figura 24 - Gaby e Victor Peralta no 3º EXPO TATTOO RS 2013



Figura 25 - Victor Peralta se suspendendo no Tattoo Show RS (Foto por Tiago Pereira)



Figura 26 - Itamar Soares no Tattoo Show RS (Foto por Tiago Pereira)



Figura 27 - Gaby Peralta se suspendendo no Tattoo Show RS (Foto por Henrique Borges fotografia)



Figura 28 - Suspensão Knee no Tattoo Show RS (Foto por Nany Festa Fotografia)

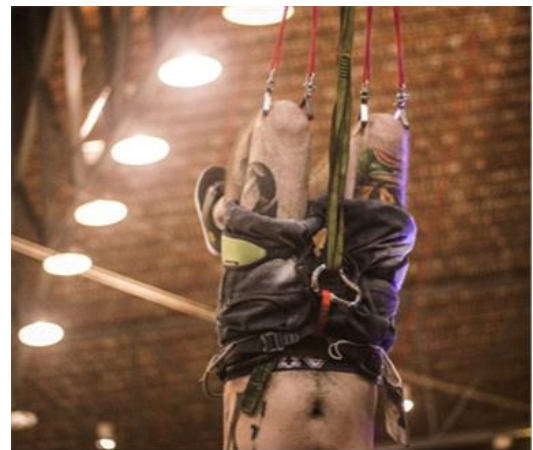


Figura 29 - Bárbara Goerl no Tattoo Show RS (Foto por Tiago Pereira)



Figura 30 - Entrada do *Natural Tattoo*



Figura 31 - Recepção do *Natural Tattoo*



Figura 32 – Sala de procedimentos do *Natural Tattoo*



Figura 33 - Sala de Aplicação de *piercing* do *Natural Tattoo*



Figura 34 - Sala da auto-clave do *Natural Tattoo*



Figura 35 - Maca para realização de tatuagens e *piercings* do *Portuga Tattoo*



Figura 36 – Outra maca para realização de tatuagens e *piercings* do *Portuga Tattoo*



Fontes das imagens:

Figura 1: <http://perheruwer.blogspot.com.br/2013/08/tatuagens-egipcias-egyptian-tattoo.html>, acessado 19 de novembro de 2014;

Figura 2: <http://marciotattoo.blogspot.com.br/2010/09/lucky-o-1o-tatuador-do-brasil.html>, acessado 19 de novembro de 2014;

Figura 3: <http://projetoafrica2010.blogspot.com.br/>, acessado 19 de novembro de 2014;

Figura 4: <http://www.mundodrive.com/2012/01/o-que-e-escarificacao.html>, acessado 19 de novembro de 2014;

Figura 5: <http://rainydays.com.br/o-homem-piercing/>, acessado 19 de novembro de 2014;

Figura 6: <http://www.sajnoticias.com.br/2013/05/veja-como-sao-os-discos-labiaais-dos.html>, acessado 19 de novembro de 2014;

Figura 7: <http://best.eyecatchingtattoos.com/hip-surface-piercings/>, acessado 19 de novembro de 2014;

Figura 8: <http://scorpionsdownloads-lana.blogspot.com.br/2012/03/tipos-de-body-modification.html>, acessado 19 de novembro de 2014;

Figura 9: <http://zendevildiaries.wordpress.com/2009/11/29/flesh-staples/>, acessado 23 de novembro de 2014;

Figura 10: <http://www.megacurioso.com.br/artes/44746-esburacado-radical-jovem-leva-o-uso-de-alargadores-ao-extremo.htm>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 11: <https://corvuxcorvux.wordpress.com/tag/implantes-subcutaneos/>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 12: <http://itthing.com/the-world-of-extreme-body-modifications>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 13: <https://bodypublication.wordpress.com/tag/tong-split/>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 14: <https://corvuxcorvux.wordpress.com/tag/implantes-subcutaneos/>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 15: foto retirada do livro "O corpo como suporte da arte";

Figura 16: <http://www.bme.com/search/media/all/?q=suspension>, acessado 18 de julho de 2010;

Figura 17: <http://www.bme.com/search/media/all/?q=suspension>, acessado 18 de julho de 2010;

Figura 18: <http://www.bme.com/search/media/all/?q=suspension>, acessado 18 de julho de 2010;

Figura 19: <http://news.bme.com/tag/flesh-pull/page/2/>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 20: Foto por Nathalia Abreu retirada do livro "Corpo ao Extremo";

Figura 21: <http://itthing.com/the-world-of-extreme-body-modifications>;

Figura 22: <http://coizaradas.blogspot.com.br/2008/12/bodmod-parte-ii.html>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 23: Foto por Elisa Rodrigues;

Figura 24: Foto por Clara Gómez;

Figura 25:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=615628568530061&set=a.615977765161808&type=3&theater>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 26:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=615621455197439&set=a.615977765161808&type=3&theater>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 27:

<https://www.facebook.com/tatuagemrs/photos/a.273738466141301.1073741844.251608761687605/273777409470740/?type=3&theater>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 28:

<https://www.facebook.com/tatuagemrs/photos/a.273738466141301.1073741844.251608761687605/273749166140231/?type=3&theater>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 29:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=615641871862064&set=a.615977765161808&type=3&theater>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 30: <https://www.facebook.com/pages/Natural-Tattoo-Studio/159934547442814?fref=ts>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 31: <https://www.facebook.com/pages/Natural-Tattoo-Studio/159934547442814?fref=ts>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 32: <https://www.facebook.com/pages/Natural-Tattoo-Studio/159934547442814?fref=ts>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 33: <https://www.facebook.com/pages/Natural-Tattoo-Studio/159934547442814?fref=ts>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 34: <https://www.facebook.com/pages/Natural-Tattoo-Studio/159934547442814?fref=ts>, acessado 22 de novembro de 2014;

Figura 35: foto tirada e cedida por Bárbara Goerl;

Figura 36: foto tirada e cedida por Bárbara Goerl.